

Artigos do Promotor Antenor Soares

(Pesquisador Hiram Reis e Silva)

Sítio de Bagé 1893

HIRAM REIS E SILVA

HIRAM REIS E SILVA

HIRAM REIS E SILVA

Sítio de Bagé

**Hino da Proclamação da República**

**(Medeiros e Albuquerque)**

Mensageiro de paz, paz queremos

É de amor nossa força e poder

Mas, da guerra, nos transes supremos

Heis de ver-nos lutar e vencer! [...]

Enviei ao meu querido amigo e irmão Rogério Vaz de Oliveira, há algum tempo, uma pesquisa, por ele solicitada, sobre um evento ocorrido na cidade de Bagé, RS, denominado “*Sítio de Bagé*” ou ainda “*Cerco de Bagé*”. Minha pesquisa baseou-se no relato pessoal de uma testemunha ocular do episódio em questão, o então promotor público de Bagé, o Dr. Antenor Soares, que publicou uma série de artigos relatando os cruéis acontecimentos deste momento histórico vivenciado pela população bajeense. Embora amazônida convicto e mais voltado para os fatos atinentes à nossa Amazônia brasileira, o tema, até então, por mim ignorado despertou-me a atenção e, por isso mesmo faço questão de divulgá-lo. Nos idos de 1893, durante a Revolução Federalista (1893/1895), a Catedral de São Sebastião e a Praça da Matriz foram palco desta ocorrência, quando revolucionários do “*Exército Libertador*” tentaram tomar a cidade obrigando os legalistas, comandados pelo Coronel Carlos Maria da Silva Telles, a montar sua defesa na Praça.



**A Federação n° 36**

**Porto Alegre, RS ‒ Segunda, 12.02.1894**



**História do Sítio de Bagé**

**Ao Público**



Tendo feito parte, como voluntário, das milícias que auxiliaram a guarnição de Bagé na resistência oferecida contra as forças rebeldes do intitulado “*Exército Libertador*”, que sitiaram esta cidade durante 42 dias, entendi que aproveitaria o tempo que me deixava livre o meu serviço nas trincheiras, tomando estes apontamentos de todos os fatos que, dia por dia, hora por hora, se iam desenvolvendo dentro e fora da Praça de Guerra. Esses fatos têm apenas um único valor: são verdadeiros e foram observados por uma população inteira; é um documento isto que entrego à história contemporânea para que ela o registre em suas páginas.

Oferecendo este insignificante trabalho dos heroicos e valorosos defensores da Praça de Bagé, não faço mais do que recordar-lhes por escrito, tudo quanto eles presenciaram. (Antenor Soares)



**Fatos e Documentos**

Apenas libertos do dolorosíssimo período de angústias e tristezas que acaba de atravessar a população desta cidade, por um supremo esforço de vontade, rompemos o silêncio do abatimento que costuma suceder às grandes catástrofes, e vamos, com a possível calma, referir o histórico dos fatos de que acabamos de ser testemunha obrigada.

Digamos desde já, e para que não nos taxem de suspeito, que as nossas palavras não são absolutamente ditadas pelo intenso ódio político que sempre votamos aos pretensos salvadores da liberdade de nossa Pátria, esse sentimento justificado de sobra pelo perfeito conhecimento que sempre tivemos de sua hipocrisia, descaro ([[1]](#footnote-1)) e baixeza de instintos, cede hoje o lugar à torrente impetuosa do desprezo público geral, que arrasta irresistivelmente os maragatos para o abismo sem fundo da ignomínia e da perda completa. Republicano sincero, sempre procurei combater os adversários da República, ou nas lutas incruentas da imprensa, como o fiz até dezembro do ano passado, ou com as armas em punho como desde então me conservo até hoje, pronto a derramar o meu sangue, a oferecer a minha vida em holocausto à ideia que defendo e que sinceramente julgo grande, justa e moralizadora.

Nem o ódio sedento de sangue meu que me votam os soldados do maragatismo, nem o afã com que procuraram a pessoa do jornalista sincero e leal que nunca trepidou em lhes dizer, sem rebuços ([[2]](#footnote-2)), a verdade, nem o desejo insuperável que a todos os momentos demonstravam de fazer-me cair em seu poder afim de me infligirem merecido castigo dos meus “*crimes*”, nada disso me lembra neste momento, repleta como se acha a minha memória dos horrores que com outros vi praticados, cheio como se acha o meu coração de alegria por ver finalmente resplandecer a verdade e a boa causa.

E o que vamos referir, cumprindo apenas o dever de não deixar esquecido nas páginas da história um dos fatos mais extraordinariamente estupendos que até hoje se tem dado, durante o decorrer da existência da família humana, isso que vamos referir, dizemos, não é coisa nossa, não é invenção do nosso rancor ou sentimento político, é a narração apenas aproximada dos horrores e infâmias praticadas nesta cidade pela horda de bandidos selvagens que acaba de fugir miseravelmente, capitaneados pela execranda família dos Tavares e pela coorte numerosa de chefetes sevandijas ([[3]](#footnote-3)) ao soldo de Silveira Martins. Repetiremos agora o que muitas vezes dissemos a respeito do movimento rebelde iniciado neste Estado no começo do ano próximo findo e pomposamente batizado com o qualificativo de “*Revolução pela Liberdade*”.

Os maragatos, enxotados do poder, porque nele não se mostraram somente imbecis, mas descarados gatunos, dando ouvidos ao despeito, iniciaram, em vingança, essa guerra sacrílega contra a mãe Pátria, cuja monstruosidade tiveram todos agora ocasião de verificar. Pondo de parte todos os sentimentos humanos, toda a elevação moral, tudo o que o coração pode conter de generoso e grande, os bandidos arvorados em “*paladinos da liberdade*” planearam esta comoção intestina que se manifesta invariavelmente pelas duas faces seguintes uma, crueldade implacável, bestial, quando os protegem o número ou as circunstâncias, resolvendo-se no saque desenfreado, no assassinato de vítimas inermes em todas as esquinas e encruzilhadas, no incêndio cobarde e vil nas casas, indistintamente, de adversários e companheiros; e outra, vil, cobarde, irrisória na precipitação da fuga, no temor de receberem o castigo de seus crimes, quando vêm que se aproxima o momento do ajuste de contas supremo.

A veracidade da exposição que ligeiramente acabamos de fazer ressalta bem claramente dos sucessos que acabam de desenrolar-se nesta cidade, felizmente bem presentes ainda na memória pública para eterna condenação dos réprobos sem alma e sem vergonha.

Depois do desastre do Rio Negro, sucedido a 26 de novembro último e no qual, além dos mortos em combate, foram miseravelmente assassinados mais de 200 companheiros nossos, sobre cujos tristes restos vertemos ainda hoje lágrimas amargas, veio o bando maldito crocitar ([[4]](#footnote-4)) em torno desta cidade, como o punhado de abutres que forma círculo ao redor da vítima agonizante. Animados pelo sucesso recente, os bandidos nenhuma dúvida tinham sobre o resultado eficaz que viria inevitavelmente coroar os seus projetos; tinham certeza que depois de haverem saqueado e manchado as santas habitações das famílias bajeenses, depois de haverem assassinado os infelizes que lhes caíssem nas mãos, depois de haverem ateado o incêndio aos 4 cantos da cidade, teriam o inefável prazer de ver render-se pela fome, o punhado de bravos que se entrincheirara na Praça Forte para morrer com honra, defendendo a pátria e a República.

E o sítio que começou a 28 de novembro de 1893 apertou-se pouco a pouco e foi de um rigor desesperado de 22 de dezembro em diante. Todos os meios empregaram os maragatos infames para porem à prova o valor heroico, a santa e grandiosa abnegação dos republicanos; uma chuva continuada, dia e noite, de milhões de balas, às quais quase nunca respondíamos esperando que os inimigos se atrevessem a um ataque sério ou a peito descoberto; os insultos de toda espécie que diariamente nos atiravam de suas trincheiras, tentativas repetidas de suborno com insistentes pedidos ao invicto e heroico comandante da guarnição, tudo empregaram, tudo puseram em prática os bandidos para conseguirem seus negregados ([[5]](#footnote-5)) fins.

E quando alguns dos seus amigos, ainda não completamente devorados pelos vírus que os corrói lhes lançavam em rosto a infâmia de seu proceder, diziam para desculpar-se que o responsável de tudo era o Coronel Carlos Telles, por não querer entregar-se com a sua guarnição. De modo que o soldado honesto e cônscio de seus deveres que está ocupando o posto honroso que lhe concedeu a confiança da Pátria, é o culpado, pela tenaz resistência que opõe, de todas as violências, de todas as tropelias, de todas as infâmias, que os inimigos por ódio e malvadez praticarem. Singular teoria essa que os mesmos maragatos apesar de seu requintado cinismo, ficariam embaraçados se tivessem de explica-la.

Mas deixemos comentários que tomamos o propósito de não fazer e continuemos a descrição dos fatos. Apenas foi conhecida na cidade a derrota do Rio Negro, longe de abater-se o espírito dos defensores da Pátria, pareceu, ao contrário, que recobravam novo alento e que os alimentava a convicção de serem naquele momento o baluarte da honra e dignidade nacional. A palavra humana não tem expressões para debuxar a atitude digna e resignada que conservou nesse momento a guarnição de Bagé e seu valoroso chefe estremecendo de horror ao ouvir as narrações que a cada momento se davam dos sucessos do campo da luta e, tomando tacitamente o compromisso sagrado de vingar, com implacável justiça, tanto sangue inocente e generoso derramado pela horda infame dos revolucionários.

Foi nessa disposição de espírito que vieram encontrar-nos os inimigos. Antes porém, de entrarmos na história do sítio propriamente dito é mister que demos a público o conhecimento de documentos que devem passar à história, pois fazem parte e importante da epopeia que gravamos nas faces do inimigo.

Em 22 de novembro, onde oficiais desertores do Exército Brasileiro, que, falsamente orientados, abandonaram a causa que o dever lhes mandava esposar; foram, nas fileiras dos rebeldes, buscar armas para trucidar esse mesmo governo que juraram obedecer e respeitar, dirigiram ao Coronel Carlos Telles o seguinte apelo em que, explicando o seu procedimento de modo acomodatício, apelavam para o espírito ilustrado do comandante da guarnição para acompanhá-los e ampará-los com o seu concurso e solidariedade.

Esse documento é o seguinte:



**À Guarnição da Cidade de Bagé**

**Apelo**

Camaradas! ‒ Os que este apelo vos dirigem são oficiais do Exército Brasileiro, que no cumprimento sagrado do dever, abandonaram as fileiras a que pertenciam, para servirem com toda a lealdade e patriotismo à causa da Pátria.

Levados por sentimentos de classe e amor ao uniforme que vestimos, nos dirigimos a vós que ainda persistis em posição diferente da em que nos achamos, fazendo-vos um apelo sincero e cavalheiresco para virdes conosco batalhar em prol dos interesses sagrados do povo e do País. Sabeis perfeitamente que à classe armada coube em grande parte o Movimento Revolucionário que, a 15 de novembro de 1889, transformou a forma de governo que então presidia os destinos do Brasil. A ela inegavelmente, cabe grande responsabilidade pelo movimento evolucionista operado em nossa Pátria e a ela competia zelar os destinos de sua obra.

Infelizmente porém, como deveis conhecer, enormes dificuldades têm surgido para que o regimen republicano tenha completo estabelecimento e isso é devido em grande parte à maneira porque os governos que temos tido, têm dirigido a marcha dos negócios públicas. O Exército, entretanto, tem se colocado em geral ao lado da Nação quando ela reclama a intervenção direta de todos os nossos concidadãos; porém agora, no momento gravíssimo e excepcional porque atravessamos, tem ele mantido posição altamente comprometedora para seus créditos.

Convencidos de que vós ainda tendes bem clara as noções da honra e da lealdade, apelamos para os vossos sentimentos de patriotismo e humanidade, afim de que lanceis um golpe de vista criterioso e desapaixonado sobre o estado anormal e desesperador em que se acha a nossa mãe Pátria, e tereis de tudo quanto vos indicar a razão clara da consciência a resultante normal dos fatos que ocorrem. De um lado vós vedes: a tirania abominável e execranda do Marechal Floriano Peixoto pretendendo firmar o seu poderio sobre os destroços da Pátria e de seus concidadãos, calcando aos pés a Constituição da República que nós defendemos e que vos cumpre fazer executar, rasgando um por um os artigos da Sagrada Carta, permitindo o roubo, o assassinato, o desrespeito à lei, enfim levando o País á completa anarquia. De outro lado aí estão: a Armada Nacional, gloriosa por suas tradições, tendo à sua frente o que há de mais seleto em seu pessoal, altivo por seu comportamento heroico, desfraldando a bandeira de guerra para libertar-nos do déspota cruel e desumano; e o invencido Exército Libertador, ao qual estamos servindo, formado de nossos irmãos, de nossos patrícios, de rio-grandenses, de descendentes dos heroicos revolucionários de 35, que espezinhados em sua dignidade, sem liberdade, sem garantias, sem direitos e sem lei, há perto de um ano luta contra todos os elementos para derrocar a tirania que nos envilece aos olhos do mundo civilizado, e ambos, conjuntamente, lutando pela liberdade Pátria. Atendei bem e vereis sem dúvida que o que está em perigo é a Pátria e a todos nós compete ir a seu encontro, oferecer-nos para a sua salvação. Não são as instituições, não é a República que periga. Não.

Mais de uma vez o nosso chefe, o invicto General João Nunes da Silva Tavares, nome esse, que tanto nós como vós, desde a infância começamos a venerar e a respeitar, pelos inúmeros serviços prestados à Pátria, tem em documentos públicos manifestado quais os intuitos da Revolução e ainda agora vos afirma o valente Almirante Custódio José de Mello, em manifesto dirigido ao País, que nós, revolucionários, queremos a restauração da Constituição da República e a tranquilidade do País. Vede pois, camaradas, que nós queremos a lei em sua plenitude, sem sofismas, nem mistificações. O tirano Floriano Peixoto está, em vista ao que reza a Constituição, impossibilitado de continuar a governar e, no entanto, ele, o primeiro funcionário da Nação, passa por cima da Lei e pretende, à força, continuar à frente dos Negócios Públicos e vós, camaradas, não podeis, sem mentir à vossa missão, deixar de vir cooperar para o restabelecimento da ordem.

A vossa missão, hoje, é de defensores da Lei e da Liberdade e é, ao nosso lado, comungando conosco das tristezas que nos invadem o espírito, contemplando as desgraças da Pátria e cenas tão horríveis quanto as que têm sido praticadas por agentes do governo, que deveis estar, para salvação da República e libertação do povo brasileiro.

As coortes do Exército Libertador esperam que vós atendereis, sem dúvida, ao nosso apelo sincero e patriótico, porque a isso fomos levados pelo dever de humanidade convidando-vos a que não presteis apoio ao déspota sanguinário que para satisfazer ambições ilícitas mancha o solo sagrado da Pátria com o sangue de milhares de vítimas. Satisfazei o nosso apelo e a Pátria vos abençoará por terdes tido patriotismo e humanidade bastante para não sacrificardes a liberdade de nosso povo e a honra de nossa nação. Aguardamos vossa contestação no prazo de 24 horas, confiados em vosso cavalheirismo.

Acampamento do Exército Libertador no Pirahy, 22 de novembro de 1893.

‒ Joaquim Torres Gonçalves, Alferes-aluno

‒ Luiz Torres Gonçalves, Alferes-aluno

‒ Aristides Armínio de Almeida Rego, Tenente de cavalaria

‒ Paulo José de Oliveira, Tenente de cavalaria

‒ Leopoldo Itacoatiara de Senna, Alferes de cavalaria

‒ Thomaz de Aquino Carlos de Araújo, 2° Tenente de artilharia

‒ Parmenio Martins Rangel, 1° Tenente de artilharia

‒ Augusto Cândido Caldas, Alferes de infantaria

‒ Francisco de Paula Noronha, Tenente de cavalaria

‒ José Cândido Velasco, Tenente de infantaria

‒ Lannes Costa, Alferes de cavalaria



O Coronel Telles respondeu deste modo:



**Resposta**

Comando da Guarnição e Fronteira de Bagé.

O Coronel Carlos Telles, respondendo ao apelo que de Pirahy foi dirigido aos oficiais desta Guarnição em data de ontem e assinado por onze indivíduos, declara, por si e por seus camaradas, que não toma conhecimento do mesmo apelo, porque não quer nem deve corresponder-se com desertores do Exército.

Bagé, 23 de novembro de 1893.

Carlos Maria da Silva Telles, Coronel.



Este apelo, que veio do Pirahy por conduto do maioral da diligência teve esta resposta, da qual foi portador o mesmo. A FEDERAÇÃO N° 36.



**O Combate de Rio Negro**

**Antonio Augusto Ferreira**

Rio Negro foi assim, mais que um combate,

Foi todo um dia devotado à fera,

E a gente viu as presas da pantera

Cravarem-se mortais na carne humana

No lugar preferido: a jugular.



**A Federação n° 37**

**Porto Alegre, RS ‒ Terça, 13.02.1894**



**História do Sítio de Bagé**

**Fatos e Documentos**



No dia 24, soubemos aqui a notícia de terem sido completamente sitiadas as forças do Marechal Izidoro, e destruída pelos revolucionários a estrada de ferro em vários pontos além do Rio Negro, de modo a não poderem receber socorro externo os infelizes que já aí se achavam condenados à sentença infame de uma horrível carnificina.

No dia 25 saiu de Bagé uma força do 31° Batalhão, a qual, encontrando o inimigo no Quebraxinho, com ele tiroteou valentemente, sendo por fim obrigada a retirar-se, sem perdas de espécie alguma, mas em virtude da esmagadora superioridade numérica dos contrários.

Antes, porém, de afastarem-se os soldados do governo, assistiram com pasmo a um espetáculo repugnante e selvagem, revelador dos intuitos de completa destruição que sempre animaram as hordas do “*Exército Libertador*”.

Em frente ao estabelecimento da Companhia Industrial Bajeense, na charqueada, achavam-se quatro vagões carregados de carne salgada prontos para serem transportados a Pelotas. Os maragatos atearam neles o incêndio e só se retiraram quando viram que as chamas tinham a presa segura, revelando o contentamento que sentiam por aquele ato de selvageria brutal, com estrepitosa expansão de doída alegria.

No dia 25, saiu de Bagé Força que reparou a ponte do Quebrachinho.

No dia 26, o Marechal Izidoro, que ainda estava senhor do telégrafo, em Rio Negro, avisou ao Coronel Carlos Telles que não fizesse sair trem de Bagé, por se acharem entre Rio Negro e Quebracho grandes e numerosas forças inimigas, prestes a exterminar qualquer presa que o acaso viesse por ao seu alcance.

Pelo mesmo inativo foram nesse dia abandonados os trabalhos a que estava o Coronel Telles mandando proceder para a reconstrução da estrada de ferro.

Em Bagé o resto do dia 26 passou-se sem novidade, a não ser o natural cuidado que nos inspirava a sorte de nossos irmãos ameaçados. Depois soubemos que nesse dia ao alvorecer, travara-se combate entre os revoltosos e as forças do Coronel Manoel Pedroso de Oliveira, a um quarto de légua do reduto do Rio Negro, retirando estas em boa ordem e indo abrigar-se sob a proteção da infantaria do 28°, entrincheirada em um reduto na coxilha. A posição de nossas forças não nos pareceu bem escolhida. O reduto, de proporção exígua e oferecendo poucas condições de segurança, com trincheiras baixas e fossos pouco profundos, apresentava-se a descoberto aos fogos de duas mangueiras de pedra, à direita e à esquerda, das quais o inimigo apoderou-se habilmente.

Além disso entrincheiraram-se no mato e costa do Rio Negro, privando assim as nossas forças de lenha e água e no trilho da estrada de ferro, onde o valoroso e desventurado Tenente-coronel Utalis Lupi, comandante do 1° Batalhão da Brigada Militar do Estado, procurou oferecer resistência, sucumbindo vítima de sua bravura. Uma bala que lhe atravessou o peito prostrou-o cadáver no meio da luta. Seus restos mortais jazem sepultados junto ao trilho da estrada e uma tosca cruz de madeira assinala o lugar que encerra os últimos despojos do heroico oficial.

Foi nesta ocasião cortado o telégrafo que comunicava com Bagé. Começou então a resistência desesperada de nossas Forças, que durou dois dias, sendo praticados atos de sublime heroicidade, batendo-se os nossos companheiros como verdadeiros leões, e tendo a lutar contra um inimigo quatro vezes superior em número, e contra a fome e a sede que lhes dilacerava as entranhas.

Soldados houve, em grande número, que, pela promessa, de receberem 5$ e 10$000 por um copo de água, atropelavam o arroio em grupos de quatro e cinco, sucumbindo todos, muitas vezes, ao fogo assassino dos inimigos, sem terem conseguido bom êxito na sua dedicada tentativa. À medida que em Rio Negro continuava o combate encarniçado e renhido no dia 27 de novembro, nesse mesmo dia o corpo de transporte que a 25 tiroteava com o inimigo no Quebraxo e que tivera o seu ilustre comandante, hoje Major Bento Gonçalves da Silva, gravemente ferido em um braço, vendo-se sitiado, retirava-se para o reduto, quando seu comandante interino, o Capitão Ambrósio Taveira ao saber que estava aquele ponto completamente sitiado, resolveu, cm conselho de oficiais, retirar com seu Corpo para a cidade de Bagé.

De passagem pelo Quebraxo, incorporou-se ao 2° Batalhão da Brigada Militar comandado pelo tenente-Coronel José Alves Pereira, que se achava de guarnição naquele lugar, e aqueles dois punhados de valentes, depois de uma marcha forçada em que sofreram as maiores angústias, mas que fizeram em perfeita ordem, chegaram à cidade de Bagé à 1 hora da madrugada do dia 28. Pouco depois de amanhecer o Coronel Carlos Telles recebeu do Marechal Isidoro Fernandes, um próprio ([[6]](#footnote-6)), portador do presente bilhete:



Amigo Coronel Telles.

Rio Negro, 27 de novembro de 1893.

Estamos cercados por numerosa força inimiga, sustentando vivo fogo desde ontem pela manhã. Necessário que mandeis 150 infantes e 2 bocas de fogo, bem como toda a cavalaria aí disponível e muita munição Comblain ([[7]](#footnote-7)). Bocas de fogo com a munição necessária para a resistência, livros e tabela.

De passagem pelo Quebraxo virá transporte e Forças de Zeca Alves. Faça seguir Força logo que este receba, a ver se ao amanhecer está com as posições tomadas. Estamos entrincheirados no reduto do 28° Batalhão.

Urgentíssimo.

Vosso amigo, Isidoro.



O Comandante da Guarnição, depois de refletir maduramente e vendo que satisfazer esse pedido seria enviar os seus soldados a uma perda segura e sem proveito, respondeu pela forma seguinte:



Ilustre Marechal Isidoro.

Agora, às 7 horas da manhã, acabo de receber o vosso bilhete, datado de homem à noite.

Corpo de transporte e Batalhão José Alves aqui chegaram a 1 hora da madrugada, vindo em retirada do Quebraxo, onde diziam estar sendo sitiadas por grandes forças inimigas, para serem atacados pela madrugada. Cavalhada do Transporte, que tem estado encilhada sem pastar em marchas e prontidões desde 25, penso que para pouco poderá prestar se encetar agora nova marcha.

Como sabe, também não dispomos aqui de meios de transporte para munições, que só poderão sair daqui em carroças puxadas por animais magros e esbandalhados ([[8]](#footnote-8)), dos quais muitos não chegarão ao Quebraxinho.

Uma coluna composta do Corpo de Transporte, assim montado, do Batalhão Alves e de 150 praças do 31°, terá bom êxito no caminho a percorrer? Poderá levar-vos com segurança munições? Esta munição não poderá cair em poder do inimigo para servir contra vossas Forças? Se o inimigo se acha, como deve supor-se, com falta de munição, não será um grande recurso para ele o poder apossar-se da nossa em caminho? Confesso com toda a franqueza de que sou dotado, que acho inconvenientíssimo mandar peças de artilharia com carros pesados, que poderão levar pouca munição, com uma coluna, que eu julgo fraca para garanti-los, e assim ponderando-vos, cumprirei entretanto a ordem que nesse sentido me mandardes.

Em conclusão: declaro que aqui fico para cumprir toda e qualquer ordem vossa, sendo, porém, a coluna que poderei fazer expedicionar, composta, como já disse, do Corpo de Transporte, Batalhão Alves e 150 praças do 31°, ao todo 400 homens.

Aguardo vossas ordens.

Bagé, 28 de novembro de 1893.

Carlos Telles.



O próprio que saiu com esta comunicação, ao chegar ao reduto, já o encontrou rendida e prisioneira a Força, motivo pelo qual regressou imediatamente.

Horas depois, o Coronel Telles, cuja nunca desmentida atividade é um dos seus melhores elementos de êxito, expediu um outro próprio, levando para S. Gabriel a seguinte comunicação:



Ilustre General Santiago ou outra qualquer autoridade nossa.

Acaba de aqui chegar um empregado da Guarda Fiscal de Santana, de nome José Flores Corrêa, que servia às ordens; do Marechal Isidoro, declarando que o mesmo Marechal, depois de dois dias de combate no Rio Negro e exausto de munições, entregou-se ao inimigo, hoje à 1 hora da tarde, com o 28° Batalhão de Infantaria, Batalhão Lupi da Brigada Militar e patriotas do coronel Pedroso. Este homem conseguiu escapar-se aproveitando a confusão na ocasião de se renderem.

É provável que o inimigo marche imediatamente para aqui a sitiar-nos, e, se isto acontecer, penso que em poucos dias ficaremos sem víveres, de que já há grande falta na cidade para a população. A força inimiga que apossou-se do armamento das Forças do General Isidoro e Pedroso, é calculada em dois mil e tantos homens, mas acredito que terá pouca munição.

Tenho conhecimento de que as pontes do Quebraxo e Rio Negro, que estavam sobre pilhas de dormentes, foram incendiadas. Acho de vantagem que, quanto antes, venham forças operar sobre Bagé. Peço comunicar esta com urgência para o Rio, Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas.

Bagé, 28 de novembro de 1893.

Carlos Telles, Coronel. (A FEDERAÇÃO N° 37)



*300 prisioneros fueron encerrados en un corral de piedras de donde los sacaron uno por uno, a lazo, para desjarretarlos y degollarlos como reses.*

*(Florêncio Sánchez)*



**A Federação n° 39**

**Porto Alegre, RS ‒ Quinta-feira, 15.02.1894**



**História do Sítio de Bagé**

**Fatos e Documentos**



No dia seguinte, 29, apresentaram-se à guarnição, o Cabo do 5° Regimento de Cavalaria João Ramos, escapo pela segunda vez do poder dos inimigos e Capitão Luiz Pesat Filho, do Batalhão Tiradentes e que estava servindo no 1° da Brigada Militar do Estado. Eles fizeram a narração circunstanciada da heroica resistência até o último momento oferecida pelas nossas Forças ao inimigo de enorme superioridade numérica e de posição, e animado além disso pelo desejo de uma vitória decisiva.

Foi uma luta medonha em que se praticaram os mais estupendos atos de bravura e dedicação, infelizmente repelidos pela fatalidade que tudo roubou aos infelizes mártires do dever, a alimentação, a água, as munições para repelir o inimigo e por último o ânimo de lutar por mais tempo. Além disso, em torno do reduto, o inimigo afirmava que respeitaria todas as vidas, desde que se rendessem, para o que empenhava a sua palavra de honra em nome dos chefes. Esta esperança unida à impossibilidade de resistir por mais tempo, inspiravam aos nossos pobres companheiros a resolução de deporem as armas o que fizeram, banhando-as muitas de lágrimas de desesperado furor.

Senhores do reduto, ébrios de alegria pela portentosa vitória que haviam alcançado, os inimigos esqueceram no mesmo instante as generosas promessas que haviam feito para poupar alguns tiros e inspirar confiança e dando apenas ouvidos aos seus sentimentos de ódio feroz e sede de sangue encerraram todos a prisioneiros em uma mangueira de pedra, de onde os foram tirando pelo modo seguinte:



Os oficiais e praças do 28° Batalhão sob a promessa, as praças, de servirem à Revolução, tomando armas contra o governo de seu país, e os oficiais, sob o compromisso de nunca mais se envolverem em movimento algum contra os insurgentes.

Quanto aos civis, eram chamados por uma lista, em que figuravam os nomes de todos os que deviam ser degolados, e à medida que eram lidos esses nomes, viam-se arrastados para uma sanga e miseravelmente imolados, e os outros, que não figuravam na lista da prescrição, amarrados e conduzidos para o acampamento.

Assim sucumbiu o valente e generoso coronel Manoel Pedroso de Oliveira que, depois de bater-se com desesperada bravura, ferido e prisioneiro, ofereceu pela sua vida o resgate que lhe exigissem; tudo foi baldado e o desventurado cidadão, o destemido servidor da Pátria o dedicado e valente defensor da República morreu degolado por um infame assassino, lançando em rosto aos seus algozes toda a expressão de seu desprezo e repugnância. Antes do golpe fatal, pediu ao Alferes em Comissão Francisco de Paula Costa, que entregasse à sua única filhinha um anel de brilhante que possuía, e que lhe referisse, para exemplo e lembrança o fim heroico e glorioso de seu infeliz pai.

Depois de morto foi o seu corpo esquartejado e graças à piedosa caridade de uma senhora, sepultado no cemitério de Santa Rosa, faltando ao cadáver, as duas orelhas, por um requinte de perversidade dos assassinos! Assim morreu também o nosso velho e dedicado companheiro Tenente-coronel Cândido Garcia de Vasconcellos, cujo cadáver, coroado de cãs ([[9]](#footnote-9)) pelos anos e pelos serviços prestados à República foi profanado e mutilado por essas brutas feras, sedentas de sangue e de carnagem.

Assim pereceram também Ismael e Israel Proença, Ulysses Torres e tantos outros, que as balas homicidas haviam poupado, mas que o punhal dos sicários pôde mergulhar nos abismos da eternidade!



No entanto nem todos foram vítimas da sanha dos malvados; Antero Pedroso, o valente que não se perturba nem estremece, ao ver que tudo estava perdido, procurou, não salvar a vida, mas conservar o seu valoroso braço para o serviço da Pátria que carecia seu auxílio. Despindo a farda e tomando uma divisa federalista saiu sem embaraços do reduto e transpôs, sem ser reconhecido, as linhas inimigas, levando por única companhia um peão, cuja presença nem mesmo notou senão a muitas quadras de distância do reduto.

Encontrando, mais além, um Major das Forças rebeldes e interpelado por ele respondeu que tudo estava terminado, que as Forças Republicanas haviam se entregado e que ele ia levar esta grata notícia a seus companheiros acampados à pequena distância. E assim conseguiu passar, chegando afinal a Piratiny, de onde novamente se pôs já em campo, vindo com numerosa e aguerrida Força, colocar-se ao serviço da coluna do Coronel Sampaio.

Um outro grupo, talvez de duzentos patriotas, tentou a passagem de uma estreita picada no Rio Negro, mas sendo pressentida pelo inimigo viu-se cortado, conseguindo apenas passar uns 40 que se dirigiram para as Palmas e outros pontos. Tal foi o combate do Rio Negro, que tanta audácia e coragem deu às armas revoltosas e preparou as cenas de canibalismo, de que esta cidade foi teatro.

Há mais de 50 dias que se deu a hecatombe, e a 22 de janeiro, indo eu ao sítio do combate, contei ainda insepultos 30 cadáveres, quase todos degolados, e nas mais expressivas contorções de angústia e desespero.

Soube que há ali sangas literalmente cheias de corpos, mas um sentimento de invencível repugnância, uma dor cruciante, pelo desespero e pela indignação, vedaram-me o ir presenciar mais esse medonho e terrificador espetáculo.

Uma circunstância que não devo deixar passar despercebida e que vem a propósito referir aqui embora só ontem [22 de janeiro] se tivesse dado, foi o encontro que tive com um sargento do 28° Batalhão de nome Pedro Ignácio dos Anjos, que me referiu o seguinte:



Ferido no terço superior do braço direito esteve 3 dias sem receber socorros de espécie alguma até que enfim, quando o veio examinar um tal Gouvêa, estudante de medicina e cirurgião da Cruz Vermelha, achou o ferimento bastante agravado e falou em amputar-lhe o braço.

O pobre sargento, moço de pouco mais de 20 anos, disse que preferia morrer a ficar inválido, e pediu-lhe encarecidamente que não o mutilasse. Fingiu o desnaturado cirurgião que lhe ia fazer a vontade, e a pretexto de operar-lhe umas carnes em decomposição, cloroformizou-o.

Quando o infeliz tornou a si, já não tinha o braço direito. E o Sr. Gouvêa, honra da espécie, luzeiro de ciência, coração de pomba, que há de dar um benfeitor para a humanidade, empregando os ferros de que se servira, disse para o desventurado que o olhava com pasmo:

‒ Cortei-lhe o braço para que nunca mais torne a atirar contra o Partido Federal!



Corramos um véu sobre tanta infâmia e requinte de perversidade e esperemos que a justiça divina não deixe impune semelhante atentado. Vejamos o que nesta cidade se passava. A 29 de novembro, reuniam-se no escritório da extinta “*Folha do Sul*” os membros do Partido Republicano e entre vivas e aclamações de entusiasmo organizavam o “*Batalhão Republicano*”, cujas 4 companhias eram dirigidas:

‒ A 1ª por Julio Brissac;

‒ A 2ª por Elemento Americano;

‒ A 3ª por José Octávio Gonçalves;

‒ A 4ª por Leonel da Silva Paiva.

E foram todos por os seus serviços às ordens do Coronel Comandante da Guarnição.

No domingo, 3 de dezembro, estando completamente esgotado o depósito de papel, suspendeu a sua publicação o “*Quinze de Novembro*”, único jornal que havia na cidade e que se despediu do público com o seguinte artigo:



Pela República!

Conservei-me até hoje no posto em que me colocaram a minha profissão e as minhas ideias, sem esmorecer um instante, sem hesitar nem deter-me, diante de obstáculos e dificuldades.

Republicano desde a mais tenra infância, havendo bebido nas primeiras lições a inspiração sagrada das ideias democráticas e trazido, pelas contingências da vida, a este meio para mim completamente estranho, consagrei todo o meu esforço, a pequena dose de inteligência com que me dotou a natureza, toda a minha extrema boa vontade, à assídua propaganda, pela imprensa, da ideia republicana, única em que podia divisar a verdadeira liberdade, um futuro realmente próspero e feliz para os meus patrícios.

Tendo levantado essa bandeira de combate, entreguei-me à luta com sinceridade e valor e ali está o meu passado de jornalista, embora medíocre, para mostrar toda a abnegada dedicação, todo o esforço leal com que procurei concorrer, na medida de minhas forças, para a paz e felicidade da República.

Até hoje, diz-me-o, bem claramente, a consciência, nem uma vez faltei aos meus deveres de bom republicano, sem olhar a sacrifícios nem dificuldades, adquirindo ódios e desafeições pelo embate das ideias, e completamente desinteressado de qualquer recompensa a meus insignificantes serviços.

Hoje, as condições anormais em que se acha a cidade de Bagé, rodeada de inimigos, segregada de todo o convívio com os outros pontos do Estado, do País e do Mundo, vem obrigar-me a modificar a minha; atitude e a mudar de posto.

Enquanto pude, tentei melhorar as coisas pela propaganda da imprensa, por esta tribuna eloquente e augusta que se chama “*Jornal Diário*”, esforçando-me por educar o povo, aconselhá-lo nos momentos difíceis em que se perde a calma e o sangue frio, e mostrando-me, em todas as ocasiões, seu amigo sincero, pois do seu seio sou oriundo.

Agora, dificuldades que não estão ao meu alcance superar, vedam-me o continuar no posto que indebitamente tenho ocupado; em Bagé não existe uma só folha mais de papel de impressão, e enquanto não modificarem vantajosamente as coisas, estou na mais perfeita impossibilidade de continuar a publicar o meu modesto jornal.

No entanto não ficarei inativo; na luta que heroica e dedicadamente levamos empenhada em prol da República, há lugar para todas as dedicações, para todos os entusiasmos.

As circunstâncias obrigam-me a depor a pena de jornalista, medíocre, já o disse, mas sincero, de boa fé e leal; essas mesmas circunstâncias assinalam-me um posto honroso ao lado dos que, com seu sangue, procuram amalgamassar o grandioso templo da Pátria.

É de arma em punho, junto às trincheiras, ao lado dos bravos que, por uma bem entendida compreensão de seus deveres, fazem o sacrifício da vida para defenderem os direitos, a liberdade, o decoro e a honra deste povo, que me encontrarão os adversários da República, os inimigos encarniçados e ferozes da paz, da ordem e do progresso da família rio-grandense.

Ali não é somente a dignidade da Pátria que vou defender; é a honra de minha esposa, a vida de minhas inocentes filhinhas, a santidade de meu lar doméstico, que vou procurar disputar à horda feroz de brasileiros, degenerados e de castelhanos a soldada.

Se, como espero, triunfar a causa santa e nobre que defendo, voltarei na bonança, a ocupar o meu posto de jornalista, sem aspirar a mais recompensa da que a consciência de um dever praticado; se a causa das armas nos for adversa, seja o meu sangue e o de meus valentes e heroicos companheiros políticos, oferecido em holocausto à ideia que nos alenta, nos santos altares da Pátria.

Antenor Soares. (A FEDERAÇÃO N° 39)



**Hino da Proclamação da República**

**(Medeiros e Albuquerque)**

Do Ipiranga é preciso que o brado

Seja um grito soberbo de fé!

O Brasil já surgiu libertado,

Sobre as púrpuras régias de pé.

Eia, pois, brasileiros avante!

Verdes louros colhamos louçãos!

Seja o nosso País triunfante,

Livre terra de livres irmãos!



**A Federação n° 40**

**Porto Alegre, RS ‒ Sexta, 16.02.1894**



**História do Sítio de Bagé**

**Fatos e Documentos**



Vejamos o que nesta cidade se passava.

No dia 30 de novembro, continuaram a chegar aqui fugitivos e dispersados, aliás em pequeno número, que confirmaram as notícias que precedentemente acabamos de dar e dissiparam até a última dúvida que pudesse porventura existir ainda sobre a veracidade da catástrofe.

O dia 1° de dezembro, foi assinalado por um fato que seria cômico se não fosse tristíssimo e que veio mais uma vez descobrir um rosto oculto há muito tempo pela máscara da hipocrisia.

O vigário desta paróquia, Cônego João Ignácio de Bittencourt, sacerdote a quem a população desta cidade cumulou sempre dos maiores favores dispensando-lhe uma consideração e um respeito talvez imerecidos, pagou a sua dívida de gratidão, escrevendo ao Coronel Carlos Telles a insidiosa e hipócrita carta seguinte, na qual transparecem os seus refalsados sentimentos de rancor político encarniçado, sob uma capa mentirosa de mansuetude, comiseração e amor à humanidade.

Eis a carta do Sr. Vigário:



Vista Alegre, 1° de dezembro de 1893.

Prezadíssimo amigo Coronel Telles.

Acho-me aqui junto à cidade e, a par de todos os acontecimentos, tomei a deliberação de lhe escrever e dar-lhe todas as informações sinceras e verdadeiras, porque sou seu verdadeiro amigo.

General Izidoro, como deve saber, rendeu-se com todas as forças. General Tavares está forte e tem elementos para tomar Bagé à viva força; posso lhe garantir que ele tem mais de quatro mil homens e estes bem armados e bem dispostos.

À vista da resolução em que está toda esta gente vai ser um horror e o amigo como soldado honrado e brioso e que tem sido sempre o amparo deste povo, que o ama como a um bom pai, porque o seu procedimento aí é conhecido por todos, não se deixando levar por gente ruim, portando-se sempre com justiça e cavalheirismo, não pode deixar de ser o mesmo Coronel Telles na ocasião do eminente perigo.

Coronel, lembre-se que essa praça tomada a viva força, não se poderá evitar grandes e lamentáveis desgraças e essas incalculáveis. E sendo cala tomada por outro modo, se Poderá conter a tropa e nenhuma desgraça haverá. Afinal de contas o amigo, a meu ver, não terá responsabilidade alguma, e pelo contrário, será louvado o seu procedimento porque vai salvar essa população que o amigo sempre considerou.

E depois desiluda-se o amigo que Castilhos não tem feito mais de que arruinar o Estado com mentiras porque ele nunca teve popularidade, encaixado no governo com o auxílio do exército, pois ao contrário não teria um homem por si. Esta é que é verdade. Teve a habilidade de iludir a Floriano a ponto de causar a ruína de todo o Brasil.

Não se iluda, Coronel, eles não lhe dizem a verdade, creia que as forças federais estão fortes por toda a parte, convença-se que Castilhos é um verdadeiro déspota.

Esta carta não é parlamentar porque ninguém me pediu que a fizesse, é apenas filha do meu coração, e porque confio em sua amizade. Em nome de meus paroquianos, peço-lhe, com os olhos arrasados de lagrimas, que não deixe essa população sofrer. Coronel, o seu nome está gravado no coração dessa população, portanto não o retire.

Lembranças do major Borba que aqui está comigo, pois viemos para ver se podemos evitar desgraças.

Seu amigo “*ex-corde*”, Cônego Bittencourt.



O Sr. Coronel Telles respondeu a essa missiva pela seguinte enérgica e digna forma:



Caro amigo Cônego Bittencourt.

Saúde e mil felicidades. Recebi sua espontânea carta e agradeço-lhe as intenções que manifesta a meu respeito e a este povo que sempre muito lhe mereceu. Nunca promovi infelicidade a ninguém absolutamente, quanto mais a uma população que eu estimo de coração. A desgraça que eu vejo iminente e que não posso evitar é trazida por outros; portanto a minha consciência está e estará tranquila.

Já tive conhecimento do desastre do General Izidoro, que não foi bastante precavido na frente do inimigo. Eu, porém, tenho elementos para resistir e vencer.

O amigo bem me conhece e sabe que o meu único dever, como homem, como brasileiro e como soldado do Exército é resistir, resistir e sempre resistir. O Brazil inteiro, o Exército que me tem em seu seio sem mancha até hoje e a minha família, têm os olhos fitos em mim e eu tenho de salvar a honra do Exército.

Se morrer na luta, será isso uma felicidade para mim porque, como sabe, eu sou um sentenciado a poucos dias de vida: o meu aneurisma assim mo diz.

Aqui fico ao seu dispor, por ser seu amigo velho obrigadíssimo.

Carlos Telles.

Bagé, 1° de dezembro de 1893.



Nesse mesmo dia o Sr. Coronel Carlos Telles, comovido pela sorte dos soldados feridos do 28° Batalhão e forças civis, enviou à Charqueada uma Comissão composta dos Drs. Pedro Luiz Osório e Veríssimo Dias de Castro e farmacêutico Amado Loureiro de Souza, afim de conseguirem dos chefes do Exército, Federal a vinda para esta cidade dos feridos para receberem aqui o conveniente tratamento.

Os dois últimos membros da Comissão regressaram no dia subsequente, 2 de dezembro, trazendo a seguinte carta do Dr. Pedro Osório ao Coronel Telles:



Sr. Coronel Carlos Telles.

Vi a coluna federal que se aproxima dessa praça, sob minha honra garanto-lhe que ela compõe-se de 5 mil e tantos homens muito bem armados; além de cem mil a cento e cinquenta mil cartuchos que o Marechal Izidoro entregou aos federais, só a coluna de Cabeda tem outros tantos cartuchos. O meu dever como homem humanitário, como brasileiro e como amigo particular da família Telles é dizer-lhe que toda a resistência é inútil, que o sacrifício de mais vidas me parece um ato inglório e que, diante do impossível o brio do homem fica intacto, mesmo quando depõe as armas. Não é um conselho que dou ao amigo; exponho meu parecer, julgando cumprir um dever sagrado.

Dr. Pedro Osório.



O coronel Telles escreveu a seguinte lacônica resposta e ia enviá-la quando se apresentou o mesmo Dr. Osório na Guarnição pedindo-lhe mil desculpas por haver escrito tão inconveniente carta e alegando o estado de agitação em que ficara o seu espírito ao presenciar os horrores que se haviam passado no Rio Negro:



Sr. Dr. Pedro Osório.

Recebi sua carta. Como sabe eu tenho gente para quinze mil homens, e portanto os seus cinco mil são poucos. Arranje mais e volte.

Carlos Telles, Coronel.



O Coronel Telles, depois de o contemplar longamente em silêncio, respondeu-lhe que não somente lhe desculpava aquela leviandade, como qualquer outra que porventura viesse a cometer, simplesmente pelo fato de pertencer à família Osório.

Na mesma ocasião propôs o Dr. Pedro Osório ao Coronel Telles, e em nome do General Tavares, uma conferência, marcando-se hora e lugar para a mesma. Como, porém, o General Tavares não comparecesse, por não ter sido avisado com tempo, o Coronel Telles dela desistiu, não só por entender que os inimigos não eram dignos de uma tal prova de confiança, como também porque coisa alguma tinha a propor-lhes, [Continua] [A FEDERAÇÃO N° 40]



Houve tiranos e assassinos... E, por um tempo, eles parecem invencíveis... Mas, no final, sempre caem.
Pense sempre nisto. (Mahatma Gandhi)



**A Federação n° 41**

**Porto Alegre, RS ‒ Sábado, 17.02.1894**



**História do Sítio de Bagé**

**Fatos e Documentos**



No dia 3 chegou a esta cidade uma mulher do Corpo de Transporte, com a notícia de haver sido degolado o Tenente-coronel Pantoja, comandante do 28° Batalhão, o que levou o Coronel Telles a dirigir aos chefes das forças inimigas a seguinte e enérgica intimação que foi portadora a mesma precedente Comissão:



Comando da Guarnição e Fronteira de Bagé.

Constando por declarações feitas por mulheres e meninos vindos do Rio Negro, dos acampamentos dos revolucionários, que estes cometeram a infâmia de degolar todas as praças e oficiais prisioneiros, rendidos no combate do Rio Negro, não escapando à degolação os míseros feridos soldados do 28° Batalhão de Infantaria e o seu distinto comandante Tenente-coronel Donaciano de Araújo Pantoja e sendo certo que o chefe dos revolucionários, em grande parte estrangeiros mercenários, têm por intermédio do Dr. Pedro Ozório, farmacêutico Amado Loureiro de Souza e outras pessoas mandado declarar nesta cidade e a Guarnição de meu comando que os prisioneiros rendidos do Exército Brasileiro, estão com suas vidas garantidas e bem tratados, intimo aos cidadãos Drs. Pedro Ozório, Veríssimo Dias de Castro e farmacêutico Amado Loureiro de Souza a irem imediatamente à charqueada buscar os feridos do 28° Batalhão para serem recolhidos ao Hospital Militar, e ao acampamento dos revolucionários de onde devem trazer declaração escrita a assinada do Tenente-coronel Pantoja de que está prisioneiro afim de que fique conhecida a verdade.

Bagé, 4 de dezembro de 1893.

Carlos Maria da Silva Telles.



A comissão regressou, no dia 4, trazendo a seguinte resposta:



**Declaração**

Nós abaixo-assinados, oficiais do 28° Batalhão de Infantaria, atualmente prisioneiros de guerra, declaramos ao Coronel comandante do 31° Batalhão de Infantaria da guarnição de Bagé Carlos Maria da Silva Telles, o seguinte:

1° Dos oficiais que se renderam, apenas um está ferido, o Alferes Laurindo Vieira;

2° O 28° Batalhão está em sua quase totalidade reunido [as praças] formando um Corpo à parte que nos consta denominar-se-á Batalhão Ernesto Paiva ou Rio Negro;

3° Que todos do 28° [oficias e praças] temos sido tratados bem, não o sendo melhor atentas às circunstâncias que atuam, aliás, nas Forças em geral;

4° Que nenhum de nós foi degolado nem disso temos ouvido tratar que se cogite;

5° Que finalmente entregamos mais ou menos 30.000 cartuchos compreendendo a munição que traziam os soldados em bolsa.

Charqueada no Quebraxo, 4 de dezembro de 1894.

Tenente-coronel Donaciano de Araújo Pantoja.

Major Eduardo Augusto Ferreira de Almeida.

Capitão Luís Manoel da Silva Daltro.

Tenente Horácio de Castro Canto e Mello.

Tenente Vicente Francisco Álvares.

Alferes Ignácio da Fontoura Parrot.

2° Tenente Leopoldo Dortes do Amaral.

Alferes Indalício Benjamin Ferreira Álvares.

Alferes José da Costa Vasconcellos.

Alferes José de Figueiredo Neves.

Alferes Laurindo Vieira.

Alferes Antonio da Cunha Mesquita.

P.S. ‒ Munição acima declarada é de armamento Comblain, pertencente unicamente ao 28° Batalhão de Infantaria. Outrossim deixa de assinar a declaração supra o Alferes Antonio Francisco de Aragão Sobrinho, que foi à Porto Alegre, em comissão, ao Ministro da Guerra.

Era ut supra ([[10]](#footnote-10)).

Tenente-Coronel Pantoja.



E esta outra:



Nós abaixo-assinados declaramos ter encontrado no hospital de sangue na Charqueada, cinquenta e dois feridos prisioneiros, bem tratados e medicados segundo as circunstâncias permitem, pertencentes às Forças do governo sendo doze do 28° Batalhão e o resto das brigadas civis e militares do Estado.

Declaramos mais, que tendo interrogado um por um todos os feridos se queriam seguir para Bagé, afim de lá serem tratados, todos responderam que não queriam ir para Bagé, à exceção de dois, que depois resolveram, de livre vontade, ficar visto que os outros ficavam.

Charqueada, 4 de dezembro de 1893.

Dr. Pedro Osório.

Dr. Veríssimo D. de Castro.

Amado Lourino de Sousa.



E ainda a seguinte carta do Tenente-coronel Pantoja ao major V. O. Paes:



Amigo velho Major Paes.

Saúdo-vos e à Exmª família. Para que ainda não reste dúvidas de que aqui nos achamos bons e bem tratados, como prisioneiros de guerra, vos dirijo estas linhas. Até sempre.

Charqueada, 4 de dezembro de 1893.

Vosso amigo Donaciano de Araújo Pantoja.

P.S. ‒ Convém que façam ver ao cidadão Coronel Telles que de nossa parte foi a Porto Alegre o Alferes também prisioneiro Aragão Sobrinho levar um pedido ao Sr. Ministro da Guerra, propondo a permuta dos presos políticos existentes na cadeia pelos de guerra pie aqui se achai.



Nesse mesmo dia, possuído de indignação, o Coronel Telles dirigiu ao chefe da horda revolucionária a seguinte carta e ofício:



Comando da Guarnição e Fronteira de Bagé.

Ao comandante em chefe das Forças Revolucionárias.

Estando esta cidade sitiada desde 24 do mês passado, por forças sob o vosso comando, compostas em grande parte de estrangeiros mercenários, esperando, como é natural, depois dos combates que tiveram lugar no Rio Negro, que viésseis com elas atacar as de meu comando, ataque este que não tem sido efetuado, apesar da superioridade numérica de vossas Forças, animadas, sobretudo, como é de presumir, pelo sucesso que tivestes.

Julguei de meu dever, na dupla qualidade de Comandante das Forças que guarnecem esta cidade e que têm sido e serão sempre a garantia desta população, que já começa a sentir os efeitos do sítio em que a encerrastes com o único fim de reduzi-la, e o que é mais, até inocentes crianças à mais triste das situações, qual a da fome, e convencido de que não viestes sacrificar a esta população sim medir vossas forças com estas que se presam de manter até o último sacrifício a sua lealdade para com o governo da Nação.

Apelo neste momento para os vossos sentimentos de soldado, concitando-vos a virdes quanto antes decidir a luta com que nos ameaçais, mesmo porque tantas delongas deixam transparecer cobardia ou fraqueza de vossa parte.

Bagé, 4 de dezembro de 1893.

Carlos Maria da Silva Telles Coronel.





Ilm° Exm° Sr. Barão de Itaquy.

Bagé, 4 de dezembro do 1893.

Há muitos meses que V. Exª, com sucessivas “*derrotas*” na estrada de ferro e respectivas estações, tenta matar à fome, não só a população desta cidade como a da fronteira, o que não conseguiu devido à força de vontade do General João Telles, que, ao mesmo tempo que vos perseguia, não descurava um só momento desta mesma população, colocando-a sempre livre de vossa sanha.

Agora mesmo a parte pobre e miserável desta cidade, sitiada há dias por numerosas forças, e as inocentes crianças as quais V. Exª privou do principal e único alimento, que é o leite, ordenando aos vossos piquetes que não deixassem entrar os leiteiros, estão quase a morrer de fome.

Se isto já está se dando, imagine-se o que sucederá daqui a vinte ou trinta dias na impossibilidade de transportar os gêneros de primeira necessidade, visto que V. Exª acaba de incendiar mais uma vez as pontes da estrada de ferro, que trazia-lhes os meios de subsistência.

Tentar mais uma vez a reconstrução da estrada de ferro, não o farei porque seria isso inútil, visto como no dia seguinte V. Exª mandaria novamente por um ou dois infames castelhanos de dinamite e facho aceso em punho, incendiá-las.

Assim pois não há dúvida que esta população que muito devia merecer-lhe e à qual eu não devo nada, está condenada por vós a uma morte lenta ‒ a fome.

Mas há de concordar comigo que isso é infame!

Não seria mais nobre que V. Exª viesse com as vossas Forças dar quanto antes combate decisivo e franco à minha diminuta e fraca Guarnição, para que esta infeliz população, terminada a luta, com sucesso para uma das forças beligerantes qualquer que seja, possa por meio do restabelecimento das comunicações ver desaparecer o quadro triste que ora se lhe depara, se continuardes persistindo em não medir vossas Forças com as desta Guarnição?

Assim procedendo, só tenho em vista advogar a causa desta população miseravelmente condenada por V. Exª, pois é sabido que a Guarnição Militar d'esta cidade tem os seus depósitos abastecidos de gêneros para 6 meses ou mais, do que nunca me descurei, fazendo ainda vir, durante 4 dias sucessivos, depois do último restabelecimento da estrada, trens de Rio Grande e Pelotas, com todos os gêneros necessários à praça.

À vista do que fica exposto e se é verdade que não é só o único fim das Forças Revolucionárias degolar prisioneiros rendidos e desarmados, desonrar as famílias rio-grandenses, não esquecendo nunca o saque desbragado, conto e espero que V. Exª, venha, sem perda de tempo, atacar esta cidade, e se isso não acontecer ficará bem patente que nas Forças Revolucionárias não se conhece o brio nem a dignidade.

Carlos Telles.



No dia 7 foi recebida pela Guarnição a resposta do General Tavares, concebida nos termos seguintes:



Quartel General do comando em chefe do Exército Libertador, no Quebraxinho, 7 de dezembro de 1893.

Recebi vosso ofício e carta de 4 do corrente.

Em primeiro lugar vos advirto que não sou mais Barão de Itaqui, pois renunciei o título em junho de 1889, no tempo em que vós sustentáveis a monarquia.

Quanto ao ataque à praça para que me convidais, tenho a dizer-vos que as Forças Revolucionárias operam quando assim o entendem seus chefes, que no cumprimento de sua dignificadora missão não se movem pelas insinuações do inimigo. Não vos aflijais, oportunamente vos satisfaremos, no entanto, se estais tão apressado para combater, saia do seio das famílias e dos entrincheiramentos e vinde aos nossos arraiais que vos asseguro não recuaremos uma polegada.

Se tendes tantos víveres, como dizeis, reparti com as famílias e crianças, tanto mais quando ditos gêneros alimentícios foram comprados com o suor do povo, como bem o sabeis, e se não o quiserdes fazer, deixai sair da cidade as famílias, que, com os nossos poucos recursos, serão atendidas, respeitadas e garantidas.

Quando vos convidei para uma conferência era para dizer-vos que os melhores servidores do Marechal Floriano tinham, como recompensa o cárcere, como sucedeu ao vosso irmão e meu amigo General Telles, que tendo ultimamente chegado à Capital Federal e descrito com verdade o estado do exército do Rio Grande do Sul e o despótico governo do Dr. Júlio de Castilhos, foi em seguida mandado recolher à prisão onde já se achavam os Generais Solon, Pego Júnior e um outro.

Vos iludis quando apregoais vosso recursos; não os tendes e não os podeis obter. S. Gabriel já se acha em poder dos federais, porque, com a derrota do Marechal Izidoro a respectiva guarnição abandonou a praça disparando com todos os artigos bélicos que ali existiam.

Vossa carta e ofício só contem insultos dirigidos a mim e ao Exército Libertador que deixo de responder, atendendo ao mau estado de vossa saúde por não aumentar a “*aflição ao aflito*”. Saúda-vos General Silva Tavares. [Continua] (A FEDERAÇÃO N° 41)



Escape a ruins Sicários Constantino,
Venha a meu lado, e soará no Mundo,
Que, se a assaltar-me vem, é dos bons Príncipes
Inexpugnável muro, o amor dos povos.
(Os Mártires ‒ François-René de Chateaubriand)



**A Federação n° 42**

**Porto Alegre, RS ‒ Segunda, 19.02.1894**



**História do Sítio de Bagé**

**Fatos e Documentos**



Mas antes disso, no dia 3, os Srs. Cacildo Carrion, Antonio Nunes R. Magalhães, Henrique Fonyat e Antonio Vale, encarregados dos consulados da República Oriental, Portugal, Itália e Espanha, dirigiram ao Coronel Telles um pedido de concessão para que se retirassem da cidade, ameaçada do sítio, as famílias dos seus súditos, sendo-lhes recusado o que pediam e do que lavrou-se a presente ata:



Aos 3 dias do mês de dezembro de 1893, às duas horas da tarde, na chancelaria do Cônsul da República Oriental do Uruguai, à rua 3 de fevereiro n° 36, na cidade de Bagé, Estado do Rio Grande do Sul, reunidos os abaixo-assinados:

Tenente-coronel Cassildo Carrion, Cônsul da República do Estado Oriental do Uruguai;

Antônio Nunes Ribeiro Magalhães, Vice-cônsul de Portugal;

Henrique Fonyat, Régio Agente Consular da Itália;

Antonio Vale, encarregado do vice-consulado da Espanha.

Em virtude de encontrar-se a cidade de Bagé, sitiada por Forças Revolucionárias e prestes a ser atacada à viva força, segundo é voz pública, os abaixo assinados, representando seus respectivos súditos, deliberaram dirigir-se ao cidadão Coronel Carlos Maria da Silva Telles, comandante da guarnição, pedindo-lhe o seu consentimento para que, antes do ataque, se retirassem da cidade as famílias de seus súditos, que assim quisessem proceder, o que efetivamente realizaram apresentando-se pessoalmente ao referido cidadão Coronel Carlos Maria da Silva Telles, e manifestando-lhe o motivo que os levava à sua presença.

Ouvidas pelo cidadão Coronel Carlos Maria da Silva Telles as razões expostas pelo Tenente-coronel Cassildo Carrion, Cônsul Oriental, foi pelo mesmo cidadão Coronel Carlos Maria da Silva Telles respondido: que não dava licença que família alguma se retirasse da cidade, com exceção das dos abaixo assinados que poderiam retirar-se quando julgassem conveniente, o que agradeceram.

Em vista da contestação do cidadão Coronel Carlos Maria da Silva Telles, os abaixo-assinados retiraram-se e protestando, em nome de seus referidos governos, pelos danos o prejuízos que possam sofrer seus súditos, tanto em suas vidas como em seus interesses, no caso de ataque à cidade e bombardeio, resolveram também comunicar aos seus respectivos superiores todo o ocorrido, lavrando-se em seguida a presente ata, que fica assinada, timbrada e arquivada na chancelaria do Consulado Oriental do Uruguai e da qual foram extraídas quatro cópias, enviando-se uma ao cidadão Coronel Carlos Maria da Silva Telles, comandante da guarnição, acompanhada de ofício assinado pelo Tenente-coronel Cassildo Carrion, cônsul da República do Estado Oriental do Uruguai, como decano do corpo consular desta cidade, e uma a cada uma das chancelarias dos signatários.

Chancelaria da República Oriental do Uruguai, na cidade de Bagé, 3 de dezembro de 1893. [Assinado] Cassildo Carrion, Cônsul Oriental; Antonio Nunes Ribeiro Magalhães, vice-cônsul de Portugal; Henrique Fonyat, régio agente consular de Itália; Antonio Vale, encarregado do vice-consulado de Espanha. Está conforme o original ao qual me reporto.

[Assinado] Cassildo Carrion, Cônsul Oriental.

Confere. Octavio Carlos Pinto, Capitão.



Este protesto foi enviado com o seguinte ofício explicativo ao Ministro e Secretário das Relações Exteriores:



Comando da Guarnição e Fronteira de Bagé, 4 de dezembro de. 1893.

Ao cidadão Ministro e Secretário das Relações Exteriores.

Remetendo-vos incluso o protesto que me foi dirigido pelo corpo consular aqui residente, cumpre-me informar-vos dos motivos que me levaram a não permitir a retirada dos súditos estrangeiros e suas famílias desta cidade, que se acha sitiada por numerosas forças revolucioná­rias compostas em grande parte de bandidos e estrangeiros mercenários que não respeitam a honra das famílias, a propriedade e a vida de ninguém, o que ficou ainda bem patente nos últimos combates travados no Rio Negro, onde procederam a grande degolação em centenas de prisioneiros já rendidos, seguido de desbragado saque, sendo que aos mesmos rendidos o fizeram apesar de terem estes entregado as armas com a promessa e confiantes na palavra de honra dos chefes revolucionários, que garantiam suas vidas e até mesmo a liberdade com a condição de não se envolverem mais em revolução em prol do governo.

Estando como estão não só aqueles estrangeiros, suas famílias, como toda a população respeitados, com todas as garantias nesta cidade, e ainda mais sob a proteção de forte e moralizada guarnição militar sob o meu comando, entendi que me ocorria o dever de não permitir que se expusessem essas famílias a desonra e ao saque dos bandidos revolucionários, que continuam sitiando a cidade, declarando e manifestando grande ganância ao desenfreado saque e sanha de toda a ordem.

Saúde e fraternidade.

Carlos Maria da Silva Telles, coronel.



No dia 9 de dezembro chegou da Charqueada um próprio trazendo a seguinte carta ao Coronel Telles, escrita pelo médico Carlos Laudares, Major cirurgião do Exército Libertador, em papel timbrado com o símbolo da Cruz Vermelha e com os seguintes dizeres:



Corpo de Saúde

[o símbolo e por baixo]

Comissão de socorros aos feridos na guerra do Rio Grande:

Exm° Sr. Coronel Carlos da Silva Telles, comandante da guarnição.

Existindo entre os feridos em tratamento na ambulância 30 quase completamente nus, peço a V. Sª se digne consentir, que dessa praça me sejam remetidos pelo Sr. Magalhães 30 mudas de roupa, conforme o pedido que junto e que peço o obséquio de mandar entregar. A ambulância tem atualmente 81 feridos, dos quais 25 pertencentes às Forças Revolucionárias e 56 das Forças Governistas e todos seguem bem. Sou de V. Sª criado e obrigado.

Carlos Laudares, cirurgião chefe da cruz vermelha.



O Coronel Telles respondeu pela forma seguinte:



Ilm° Sr. Dr. Carlos Laudares.

Bagé de 10 dezembro de 1893.

Recebi sua carta e sinto bastante não poder consentir na saída das roupas que mandou pedir ao Sr. Magalhães. Quem não pode com o tempo não inventa moda. Se não tem vestuários e o mais de que carecem os feridos, mande-os para cá que nada lhes faltará. Não sei nem quero saber o que quer dizer cruz vermelha e com certeza os feridos pertencentes às forças do governo, dela não precisam.

A minha condescendência e generosidade não vão ao ponto de mandar roupa para o inimigo. Os feridos a que acima me refiro estavam perfeitamente vestidos e se não foram saqueados devem assim ainda estar.

Sou como sempre criado e obrigado

Carlos Telles.



No dia 9 de dezembro, o Coronel Carlos Telles mandou imprimir e distribuir por toda a parte o seguinte aviso:



Comando da Guarnição e Fronteira de Bagé.

Por este Comando se declara que é permitido a todas as famílias moradoras nesta cidade, quer brasileiras, quer estrangeiras, retirarem-se para onde lhes aprouver, devendo antes de o fazer comparecer ao Quartel do Comando da Guarnição, a fim de serem acompanhadas por oficiais de serviço até fora dos piquetes.

Bagé, 9 de dezembro de 1893.

Carlos Telles, Coronel.



Nesse mesmo dia, seriam 4 horas e 1/4 da noite rompeu de todos os pontos da cidade onde se haviam entrincheirado os maragatos um tiroteio vivíssimo contra a praça, cujos defensores correram imediatamente a postos, soltando vivas e desafios com indescritível entusiasmo. Todos unanimes, persuadiam-se que era chegado o tão almejado momento da luta decisiva e preparavam-se para infligir aos bandidos a mais severa e eficaz das lições.

Nessa noite iniciaram o seu sistema de depredações, saqueando completamente as casas dos Srs. Francisco Torres & Ciª, negociantes estrangeiros, situada no extremo da cidade em frente ao velho quartel do 5° Regimento.

As portas foram arrombadas a machado e o prejuízo elevou-se a mais de 40 contos. Mas o inimigo conhecendo as vantagens de nossa posição e a firmeza de nossa atitude preferiu conservar-se prudentemente à distância, e limitou-se a tirotear-nos de longe todas as noites. Quando o fogo era demasiado vivo, alguns disparos de artilharia para os pontos mais impertinentes lhes moderavam o entusiasmo e desalojavam de suas posições.

Assim passaram os dias, em troca de balas de lado a lado, apesar de serem parcos em tiros os nossos soldados, por ordem do Coronel Telles, até que no dia 15 pela manhã, havendo na praça falta de gado e costumando os inimigos trazer rezes, como que para chamariz para as faldas do cerro, resolveu o Coronel Telles arrebatar-lhes a isca que nos mostravam.

Duas Companhias do 2° Batalhão da Brigada Militar, sob o comando do calmo e destemido Major Alfonso Massot, estenderam linha além do cemitério, ao mesmo tempo que um piquete de cavalaria carregava impetuosamente, apoderando-se de oito gordos bois, que os maragatos tiveram que abandonar, bem contra a sua vontade. Foi para a praça um dia de festas, pois, há muito que não se comia carne fresca.

Nesse mesmo dia, à tarde, animados pelo sucesso que haviam obtido de manhã, foram 40 praças do 31°, comandadas pelos Alferes Paes Leme e Álvaro Lima, indo também nele, como curioso, o bravo Capitão Corrêa, 6 homens de cavalaria sob o comando do Capitão Rodolpho dos Santos e todos dirigidos habilmente pelo Tenente Marcos Telles, dirigiram-se para a chácara do Dr. Vinhas, onde se achava entrincheirado e fazendo contínuo fogo um piquete de 40 e tantos inimigos.

Não puderem resistir à violência e inesperado do ataque, deixando 3 homens mortos e fugindo todos os outros na mais desenfreada disparada, seminus e sem poderem transportar coisa alguma. Nessa expedição foram tomadas 15 lanças, 40 e tantos pares de arreios, armas de fogo, munição, roupas, laços e toda a cavalhada do piquete. Durante muitos dias não se atreveram a voltar e ocupar aquela posição.

Passados cinco dias, para que tomassem fôlego, organizou-se outra expedição que foi operar na Boa Vista. 29 homens de cavalaria, armados unicamente de lança e sob o comando do valente Major Cândido Bueno, fizeram uma brilhante carga sobre um piquete de 11 maragatos, dos quais 6 ficaram mortos, escapando-se os 5 restantes. Dos nossos ficaram levemente feridos o Major Bueno, o comandante da guarda aduaneira João Vieira do Amaral Charão e o Soldado de nome Leopoldo.

Finalmente, na noite de 22 de dezembro foi que os inimigos da Pátria e da República iniciaram seriamente o ataque há muito tempo premeditado sobre a bela e futurosa cidade de Bagé. Depois de encarniçado combate sustentado com toda a galhardia pelo piquete que se achava no mercado público comandado pelo Capitão Frederico Jardim, os inimigos apoderaram-se daquele edifício, onde prorromperam em gritos e insultos contra vários membros do Partido Republicano.

O piquete retirou-se para a praça em boa ordem, tendo perdido 14 homens, uns feridos e outros prisioneiros, que no dia seguinte foram degolados e dois queimados vivos, entre os quais o Sargento Tibúrcio da Rosa, tendo sido também numerosas as perdas do inimigo.

Às 11 horas e um quarto rompeu vivíssimo fogo para o interior da praça, onde, no cumprimento de seu dever, se havia entrincheirado a sua heroica guarnição, nobremente disposta a vencer ou sucumbir, defendendo o governo legítimo contra o qual investem perversamente os sanguinários empreiteiros do 3° Reinado, aliados aos falsos apóstolos da ideia republicana. (A FEDERAÇÃO N° 42)



Más ai! Los que partieron

Su pan de proscripción i de amargura,

Los que a luchar vinieron

I a la patria, con él, su sangre dieron;

Un brazo mercenario

Armar supieron en la noche oscura.

Aquí, en la sombra, vino

Su víctima a buscar el asesino;

I el héroe murió triste i solitario!...
(Guillermo Matta)



**A Federação n° 43**

**Porto Alegre, RS ‒ Terça-Feira, 20.02.1894**



**História do Sítio de Bagé**

**Fatos e Documentos**



Durante esse dia 23, a artilharia fez vários tiros magníficos, obtendo bons resultados. Ao mesmo tempo a fuzilaria respondia valentemente ao fogo do inimigo. À noite o inimigo repetiu o assalto da véspera, mas com menor intensidade, porque a artilharia conhecedora das suas posições, lhes infundia respeito.

Pela madrugada de 24 o fogo dos assaltantes tornou-se extremamente vivo.

Os defensores da praça, tanto os que cuidavam os muros, como os que guarneciam as trincheira; aproveitavam a passagem dos atacantes, que corriam, curvados de uma para outras ruas para desfecharem sobre eles descargas quase sempre coroadas de êxito.

A artilharia fez fogo sobre as melhores posições do inimigo, que foram abandonadas.

Algumas casas ficaram danificadas; o mercado público, a casa do Major João Pompílio Bueno, a do Tenente Juvenal de Mattos Freire, e outras.

Às 8 1/2 da manhã, por ordem do Coronel Telles, saíram da praça 4 seções de infantaria, afim de desalojar o inimigo das posições que ocupava.

Estas seções eram as seguintes: uma do 31° comandada pelo Alferes Paes Leme; outra do destacamento do Batalhão de Engenheiros, comandada pelo 2° Tenente Jorge Wiedmann, e 2 seções do 2° Batalhão da Brigada Militar do Estado, uma comandada pelo Capitão Bernardino Vaz da Costa e a outra pelo Alferes Amadeu Massot, tendo como auxiliares os Alferes Juvêncio Lemos e Francisco Varella, que foram ambos gravemente feridos.

O ataque ao mercado foi irresistível, fugindo o inimigo em todas as direções, espavorido e sofrendo um grande prejuízo. A seção do 31° ocupou as trincheiras que o inimigo havia levantado junto ao ângulo do mercado que faz frente à rua 7 de Setembro.

Quando a nossa infantaria regressou para a praça os inimigos voltaram novamente às mesmas posições.

Pessoas de todos os sexos, idades e condições, que, afrontando o fogo da fuzilaria inimiga conseguiam chegar à praça, afirmaram unânimes que na parte da cidade ocupada pelo “*Exército Libertador*”, o saque era extraordinário e geral, tanto às casas de comércio como as de família eram arrombadas a machado e a coice de armas e a onda devastadora alastrava-se pelo seu interior, tudo destruindo; roupas, fazendas, gêneros, joias, móveis, tudo, tudo convinha aos maragatos, que quase completamente nós, ao chegarem aqui, tiveram ensejo de enroupar-se, apresentando alguns o mais bizarro e repugnante aspecto.

Uns punham à cabeça chapéus de mulher, faziam de saias brancas ponchos atados ao pescoço, enfeitavam-se com grinaldas de noiva e faziam chiripá de retalhos de vestidos de seda.

Parecia que um delírio infernal, que uma influência demoníaca se havia apoderado de todos aqueles monstros, cada qual empenhado em mostrar mais cinismo, mais descaro e maior crueldade. E tudo entre gritos, risadas, insultos, tiros e um ruído desenfreado, para aumentar o terror que os seus atos vandálicos inspiravam.

A casa do Tenente Juvenal de Mattos Freire, cujos tiros mortíferos causaram os maiores prejuízos ao bando de salteadores, foi alvo do ódio que votavam ao valente e leal oficial; depois de a haverem arrombado e arrebatado dela tudo o que lhes convinha e podiam levar, destruíram a machado os móveis, espelhos, quadros e tudo o mais que nela havia, sem deixarem intacto um só objeto.

Igual procedimento tiveram na tipografia do “*Quinze de Novembro*”, folha a que consagravam especial rancor pela hombridade com que estigmatizou sempre os seus atos, e cujo redator procuravam com o maior empenho, para o trucidarem implacavelmente. Este, porém, achava-se, conforme prometera, na praça em segurança, empunhando armas e defendendo dignamente a causa da honra e da liberdade da Pátria, e os bandidos despeitados vingaram-se, nas coisas, do ódio que tinham à pessoa.

A casa da família de Antenor Soares foi completamente destruída, inutilizados os móveis a bala e a machado; a roupa toda roubada, a louça quebrada, a biblioteca, de mais de 2.000 volumes, rasgada em parte atirada a um poço, a tipografia empastelada ([[11]](#footnote-11)), a máquina de impressão quebrada a machado. Foi um prejuízo total, do qual nada pôde salvar-se.

Infinidade de outras casas, cujo número não é possível precisar, tiveram a mesma sorte; só se ouviam gemidos e lamentações, rostos consternados, faces cavadas pelo sofrimento, e no meio dos montões de destroços, pessoas da classe baixa do povo, cacheando febrilmente os despojos que os maragatos haviam desprezado.

O saque livre, prometido como recompensa aos mercenários pelos chefes da intitulada “*revolução*”, era a palavra de ordem e estava sendo cumprida com todo o possível desenvolvimento. Os bandidos saciavam os seus desejos, tomavam um fartão de roubo, e os chefes, maiores bandidos ainda, exultavam de gozo, tripudiavam de alegria por terem podido dar cumprimento à sua palavra “*honrada*”!

A orgia desenfreada do “*Exército Libertador*” era tristemente acompanhada pelo choro dolorido de uma criança que as balas assassinas feriram, dos prantos derramados pelas viúvas das vítimas degoladas traiçoeiramente, por um concerto de imprecações, soluços e lamentos, que há de atrair sobre suas cabeças toda a cólera celeste.

Os que ainda possam acreditar nos intuitos patrióticos, nas intenções nobilíssimas, no desejo de liberdade e de ordem tão pomposamente apregoados pelos pretensos revolucionários, examinem os fatos, analisem e admirem o espetáculo que eles prepararam, e imaginem o que seria da população rio-grandense, se a vitória coroasse os esforços dessa gente.

Como nos dariam, os bandidos, um governo *honesto, moralizado, livre e cheio de patriotismo*!

Depois de haverem talado ([[12]](#footnote-12)) completamente os nossos campos, e prosseguindo em linha reta sua obra de destruição, vêm, para o triunfo completo de seus desejos, atacar as cidades e saqueá-las!

É deste modo que o Rio Grande há de ficar livre da tirania do “*castilhismo*”, e a República afastada do “*despotismo*” do Marechal Floriano!

Teríamos uma Pátria livre, governada por ladrões, incendiários e assassinos! Miseráveis bandidos!

A heroica resistência desses dias custou-nos, é verdade, ondas de sangue precioso, que veio vivificar as raízes da árvore da liberdade.

Morreram os seguintes oficiais, praças e paisanos:

4 oficias mortos e 10 feridos, sendo dos mortos 2 Capitães do Corpo Provisório de D. Pedrito: Orestes Confúcio de Bittencourt e Juvêncio Corrêa dos Santos, e os Alferes Bento Antonio de Souza, do 5° Regimento, e Vicente de Azevedo, do 31° Batalhão.

Os feridos são: 4 do 2° Batalhão da Reserva da Brigada Militar, Capitão Bernardino Carlos da Costa, Alferes Juvêncio Maximiliano Lemos, Francisco Varella e Antonio Raphael dos Santos, 1 Major, Raymundo Martins de Lemos e 1 Capitão, Gaudêncio Antunes Maciel, dos civis de D. Pedrito; o 1° Tenente Alfredo Pires, do 4° Regimento de Artilharia e o Coronel Carlos Telles Comandante da Guarnição, tendo sido contuso o Major Massot do 2° Batalhão.

Tivemos 37 praças mortas e 91 feridas.

O inimigo perdeu 400 homens. Desertaram os seguintes oficiais e algumas praças, estas acossadas pela fome:

Tenentes Moreira Sobrinho, do 4°; Capitão Zeferino Moraes, do 5°; Tenente Camargo, do Corpo de Transporte; Alferes Bessa, do Corpo de Transporte; Tenente farmacêutico Corrêa de Brito; Major Cassão, comandante de civis; Major Heráclito e um oficial do corpo Cassão. A FEDERAÇÃO N° 43.



Como uma leoa deitada e da mesma cor irada o pelame, a colina famélica. Em seus lombos terrosos, disseminados em uma ordem indecifrável, grosseiros montões de pedras: o cemitério dos hunos brancos. As vezes um adejo azul e rápido: um pássaro, único luxo em tanta morte. (Sharj Tepé)



**A Federação n° 44**

**Porto Alegre, RS ‒ Quarta-feira, 21.02.1894**



**História do Sítio de Bagé**

**Ao Público**



Estiveram encarregados do serviço médico das ambulâncias, os distintos médicos Drs. Lybio Vinhas e Carnaúba, que, com o maior desvelo, solicitude e dedicação, auxiliados pelo nosso companheiro o farmacêutico Martiniano Antonio Meirelles, prestaram aos infelizes feridos os seus profícuos e luminosos socorros. À proporção que a luta crescia, maior era o entusiasmo que dominava a intrépida guarnição encarregada da defesa da praça de Bagé.

As tentativas e investidas do inimigo, foram sempre repelidas galhardamente pelos disciplinados e valorosos soldados e oficiais do 31° Batalhão, e contingentes dos diversos Corpos que guarneciam a praça.

Durante todo o dia 24, o inimigo fez fogo nutridíssimo para o interior da praça de guerra, respondendo esta com intermitências, pelo fato de nem sempre poderem ser descortinadas as posições do inimigo.

Um menino que se encaminhava para a praça, foi morto nesse dia por uma bala dos atacantes.

O tiro foi disparado propositalmente, por pensarem eles que essa criança era encarregada de levar-nos qualquer comunicação.

À tarde caiu morto na trincheira de um pátio fronteiro à tipografia do “*Quinze de Novembro*” o valoroso Alferes do 31° de Infantaria, Vicente de Azevedo.

Pela seteira por onde atirava nutridamente sobre o inimigo, alojado naquela tipografia, entrou a bala que, ferindo-o no nariz e testa, prostrou-o instantaneamente morto.

O Alferes Vicente, um dos mais ilustrados e distintos oficias do 31° Batalhão e estimadíssimo por seus camaradas e comandantes estava para contrair núpcias com uma distinta jovem de nossa melhor sociedade, cujo desgosto foi tal, que até hoje seus dias estão em perigo.

O fogo dos inimigos vae pouco a pouco cessando. Ao escurecer, a fuzilaria dos assaltantes emudece. Nesse dia a artilharia fez muitos disparos.

Às 10 horas da noite recomeçou novamente a força contrária a fazer contínuas descargas para dentro da praça. A guarnição, firme em seus postos, recebeu ordem do Coronel comandante para não responder ao fogo; despeitado por esta demonstração de pouco caso, o inimigo redobrou de esforços, lançando sobre nós uma verdadeira saraivada de projetis.

Na madrugada do dia 25, as trincheiras começaram a responder ao fogo dos sitiantes. Pela manhã a artilharia fez vários disparos. Às 8 horas, uma família que debaixo de balas conseguiu chegar à praça, trouxe notícia de que na cidade o saque prosseguia desenfreadamente e sem embaraços.

Da torre da matriz as nossas sentinela viram e noticiaram que muitas forças inimigas, abandonando o acampamento do Quebraxinho, passavam em direção ao Pirahysinho.

Há três dias hoje que a heroica guarnição de Bagé, auxiliada pelo Partido Republicano em armas, oferece brilhante e viva resistência aos atacantes que ousaram vir sitiá-la, talvez contando, esses bandidos, com uma capitulação imediata.

Mas a guarnição prefere morrer à fome a render-se aos inimigos da Ordem e do Progresso desta terra. A guarnição está firmemente resolvida a não ser prisioneira dos bárbaros degoladores do Rio Negro!

Às 11 ½ horas do dia o inimigo fez uma tentativa de assalto, atacando os muros das casas da praça que fazem fundos à rua General Osório.

Esses muros, defendidos pelos valente corpo ao mando do Tenente-coronel Corrêa, Força do Major Cândido Bueno e contingente do Corpo de Transporte, foram reforçados por uma força deste último e romperam gravidíssimo fogo contra os assaltantes, que desistiram da tentativa. Poucos momentos antes o Coronel Telles tinha mandado uma Força de infantaria desalojar o inimigo que se entrincheirara na tipografia do “*Quinze de Novembro*”, à rua General Osório.

Do encontro renhido das duas forças, resultou a perda de seis inimigos, entre os quais um Alferes, no bolso de cuja blusa foram encontradas as duas notas seguintes, uma dos nomes de republicanos que deviam ser degolados, e outra das casas que deviam ser saqueadas. Os nomes eram:

Tenente-coronel Manoel Corrêa dos Santos;

Capitão Manoel de Vargas;

Major Cândido Bueno;

Tenente-coronel Cândido Garcia, Acácio Garcia e Tenente-coronel Lupi, mortos no Rio Negro;

Dois irmãos Monteiro, de D. Pedrito e as

Casas dos Srs. Luiz Cantera;

Paschoal Boero;

Antonio N. R. Magalhães;

José e Pantaleão de Llano;

José Lopes Villamil.

Na mesma nota havia mais cinco nomes sem designação, escritos a lápis e de letra ininteligível e já apagada. Apenas pudemos ler o nome de Serafim.

Fomos informados, e esta notícia corria com insistência, que muitos oficias dos bandidos traziam em listas os nomes dos republicanos contra quem havia ordem de degola, por parte dos chefes.

Durante o dia continuou o fogo para o interior da praça, cessando ao escurecer, e recomeçando com intensidade às 10 horas da noite, prolongando-se durante todo o dia de 26. As forças que defendiam a praça, sempre que achavam favorável ensejo e que podiam recolher resultado, respondiam; à fuzilaria inimiga.

Nas ambulâncias estabelecidas na igreja matriz e numa casa contigua à arrecadação do 4° Regimento de Artilharia, os feridos apresentavam sensíveis melhoras, sendo de momento a momento visitados carinhosamente pelos dois ilustres e dedicados facultativos Drs. Lybio Vinhas e Carnaúba, que com a maior solicitude empregavam todo o esforço para conservar os preciosos dias dos servidores da República.

O fogo durava há quatro dias e quatro noites consecutivas e, no entanto, a guarnição não sofreu um único instante de desânimo.

No dia 26, pela manhã, os inimigos fizeram uma pomposa exibição de suas forças, fazendo-as passar em coluna cerrada do acampamento do Quebraxinho para o do Pirahysinho e conduzindo imensas cavalhadas. Calculamos que passassem uns 3.000 homens.

À tarde foi ferido na boca, por uma bala, o distinto 1° Tenente de Artilharia Alfredo Rodrigues Pires.

A população de Bagé assistiu, dolorosamente assombrada, à 1 hora da noite desse dia, ao espetáculo mais horrivelmente desolador que é possível conceber-se, e que constitui a nota característica e expressiva dos sentimentos e intuitos dos bandidos da revolução.

A horda de incendiados, em desespero de causa, irritada pela insuperável resistência que lhes oferecíamos, lançou fogo a diversas casas, com o duplo intento de satisfazer os seus desejos de destruição e de apavorar-nos em face de tão hedionda malvadez.

Volutas enormes de fumo negro subiam aos ares empanando o brilho das estrelas e os rubros clarões do incêndio lambiam o espaço, tingindo todos os objetos de uma luz sanguinolenta e sinistra.

Os madeiros estalavam, os vidros derretiam-se, de espaço a espaço soavam medonhas detonações, acompanhadas do fragor violento do incêndio e do calor esbraseante que, apesar da distância, chegava-nos ao rosto.

Nessa noite o fogo foi ateado nos seguintes edifícios, que ficaram completamente reduzidos a cinzas: magnífica residência do nosso amigo Dr. Bernardino de Senna Costa Feitosa, juiz de direito da comarca, e cuja construção importou em 20 contos de réis; o vasto armazém e loja de fazendas do negociante José Pinto de Montes Sarmento, à rua 7 de Setembro, e o sobrado à rua General Osório, onde funcionava a secretaria do 4° Regimento de Artilharia.

Mulheres e crianças, abandonando precipitadamente os leitos onde repousavam os fatigados corpos, corriam espavoridas pelas ruas em altos gritos e buscando refúgio na praça; os bandidos, aproveitando o terror espalhado pelos incêndios, arrombavam portas, tentavam atear novos focos de destruição e saqueavam quanto podiam. A FEDERAÇÃO N° 44.



***A Obsessão do Sangue***

***(Augusto dos Anjos)***

*[...] No inferno da visão alucinada,*

*Viu montanhas de sangue enchendo a estrada,*

*Viu vísceras vermelhas pelo chão ...*

*E amou, com um berro bárbaro de gozo,*

*O monocromatismo monstruoso*

*Daquela universal vermelhidão!*



**A Federação n° 46**

**Porto Alegre, RS ‒ Sexta-feira, 23.02.1894**



**História do Sítio de Bagé**

**Fatos e Documentos**



E depois, quando o incêndio atingiu o auge, os bandidos festejavam a sua obra de destruição com descargas de fuzilaria e vivas estrepitosos, que iam perder-se no espaço assombrado e mudo de terror! Foi um episódio da mais requintada selvageria aquele a que fomos forçados a assistir, neste fim de século de ciência, civilização e humanidade; foi um espetáculo medonhamente repugnante que exacerbou a santa indignação dos heroicos defensores da praça.

No dia seguinte, dia de verão cálido e pesado, entravam na praça senhoras espavoridas, das principais famílias, acompanhadas de inocentes crianças, banhadas em lágrimas de terror, em busca de seus esposos e pais, que estavam de armas em punho, batendo-se pela honra da Pátria, em defesa de suas santas e fecundas instituições, e que, com súplicas, rogos, lamentos, procuravam retirá-los daquele posto sagrado.

Diziam as pobres senhoras, repetindo o que haviam ouvido dos infames assaltantes que se preparava inevitavelmente um ataque à praça à viva força, ou que, pelo menos, ela seria forçada a render-se pela fome, que a cidade seria completamente arrasada pelo fogo e seus habitantes sem exceção passados pelas armas. A propagação dessas notícias monstruosamente assustadoras era o expediente hábil que procuravam os assaltantes para tentar enfraquecer o ânimo da guarnição e lançarem no seio das famílias o mais angustioso terror, pensando talvez que as eloquentes lágrimas das esposas extremosas pudessem afastar os republicanos do cumprimento de seu dever.

A distinta consorte do Dr. Vinhas, desvairada pela dor, abraçava-se com seu esposo, implorando-lhe que se retirasse da praça em nome de tudo o que possuiu de mais caro, que se lembrasse de seus filhinhos inocentes, que procurasse a salvação na fuga. O heroico e valente médico republicano, acariciando-a amorosamente, respondeu-lhe em tom que não admitia réplica:

Minha cara esposa, o que me propões seria a minha desonra, e tu não hás de querer ter um marido desonrado e indigno. Fico!

Infelizmente nem todos mostraram essa grandeza de alma: um de nossos companheiras, revestido das insígnias de Major da Guarda Nacional, não pôde resistir às solicitações de sua esposa e acompanhou-a para fora da praça, abandonando o seu posto, abandonando os seus companheiros, abandonando o seu velho pai, que firme como um espartano apreciou sem uma palavra a vergonhosa ação de seu filho. É verdade que já anteriormente dera provas de sua debilidade, desmaiando como uma donzela em ocasião de tiroteios.

Deixemo-lo em paz, entregue à vergonha de seu triste procedimento e aos remorsos que logo devem tê-lo assaltado. Durante o dia continuou vivíssimo o fogo de fora. As senhoras a que acima nos referimos e as outras que vieram à praça, noticiaram-nos que os sitiantes haviam varejado casas, procurando petróleo para continuarem à noite a tarefa dos incêndios; de fato, às 7 ½ horas tentaram lançar fogo à loja de chapéus do Sr. Manoel José Rodrigues, à rua 7 de setembro e a uma quadra das trincheiras, e ao quartel do Major Francisco Gonçalves Cassão, à rua 3 de Fevereiro.

Mas parece que os elementos indignados, resolveram opor-se à obra de destruição dos malvados; formou-se subitamente um violentíssimo temporal que veio impedir a consecução do premeditado incêndio.

Repetidos relâmpagos cortando o espaço em todas as direções, trovões atroadores e medonhos, uma ventania desenfreada e por fim uma bátega d’água torrencial, tudo isto fez abortar o plano sinistro dos incendiários. No entanto aproveitando, a escuridão pavorosa da noite, os assaltantes fizeram contra a praça uma vigorosa investida, supondo talvez que nela reinasse a confusão. Todos, porém, estavam a postos e o ataque foi brilhantemente repelido, casando-se a nossa indignação com a cólera celeste. Diminuiu a ventania, cessaram os trovões, mas a noite tornou-se de um negrume pavoroso, cortado frequentemente por fuzis rápidos e cintilantes, que acendiam no ventre escuro do firmamento lívidos e lúgubres clarões. A chuva caia agora tranquilamente, acariciando a face ressequida da terra, e trazendo ao espírito dos homens uma espécie de bem estar aliviado.

Nas trincheiras nenhum rumor se ouvia. Todos se conservaram firmes em seus postos à espera de uma segunda tentativa de assalto que não se realizou. Assim permaneceu a guarnição até a madrugada de 28, sofrendo pela manhã vivíssimo fogo a que não respondeu. Às 3 horas e 25 minutos da tarde, chegou à praça um parlamento do General Tavares que entregou ao Coronel Telles a seguinte missiva:



Quartel do Comando em chefe do Exército Libertador, 28 de dezembro de 1893.

Ao Sr. Comandante da Guarnição de Bagé.

Há 34 longos dias que com vossa guarnição vos achais sitiado, sem que o vosso governo tenha podido mandar forças em vosso auxílio. Como sabeis e vos garanto, a linha férrea está destruída até a estação de Cerro Chato.

As forças ao mando do coronel Sampaio, compostas do 29° e 32° Batalhões de Infantaria, e uma ala do 30° Batalhão de Artilharia, todos perfazendo mais ou menos seu total de 800 homens, o 2° e 5° Regimento de Cavalaria de Linha com 350 homens mais ou menos e alguns grupos de populares, não tem podido empreender marcha para vos trazer a proteção tão desejada, por insuficiência de cavalaria.

O General Hyppolito Ribeiro, com 600 homens, mais ou menos, a 18 do corrente chegou à cidade do Livramento e garanto-vos Coronel, que a 25 ainda ali se achava, e apesar de sua boa vontade dificilmente vos trará proteção, já porque em caso algum consentirei que se aproxime, e já porque não conseguirá o grande número de veículos de que carece para a condução do material bélico, munições de boca, etc., etc.

Se o General Hyppolito tivesse o propósito de vos trazer proteção, não teria perdido tanto tempo em procura de veículos, o que fez crer que o ponto a que se destina é muito oposto ao que supondes.

Existe, como sabeis, em Livramento, um milhão e duzentos mil tiros, munição de artilharia, armas, equipamento etc. e que tudo o General Hyppolito pensa e procura levar consigo, o que faz crer que o seu destino é Cacequi.

O “*Exército Libertador*”, dispondo de seis mil homens, nas cercanias de Bagé, bem armados o bem montados, não consentirá que em caso algum se aproximem as proteções que esperais, pois que em tempo e lugar oportuno as fará bater, para cujo fim tem forças avançadas em Pedras Altas e D. Pedrito.

Vossos emissários e nomeadamente o Capitão Souza, que com tanta generosidade foi acolhido pelo “*Exército Libertador*”, já chegou ao ponto de seu destino e entretanto a esperada proteção não veio nem virá, pelos, motivos que lealmente expus. Agora, que com a verdade e simplicidade que me caracterizam expus vossa situação, convido-vos, em nome da humanidade, a depor armas, reservando para vós e vossos comandados as garantias que em tais casos soem conceder-se.

General Silva Tavares.



O Coronel Telles respondeu imediatamente pela forma seguinte:



Quartel do Comando da Guarnição e Fronteira de Bagé, 28 de dezembro de 1893.

Ao cidadão General Silva Tavares.

Em resposta ao vosso ofício desta data, cumpre-me declarar-vos que nunca esperei e nem espero as proteções a que vos referis, pois conto unicamente com as Forças sob o meu comando.

É em nome da humanidade, que devidamente invocais que vos convido a depor armas, por isso que sois vós os rebeldes que vos armastes para combater um governo legalmente constituído e que neste momento represento, defendendo-o enquanto me restar alento.

É ainda em nome da humanidade que vos convido a não continuardes a consentir que os vossos comandados procedam a saques, ateando o incêndio a tantas propriedades, do cujo espetáculo tendes sido, como nós, presenciadores.

Carlos Telles, Coronel.



Enquanto esteve na praça o parlamento, ficaram suspensas as hostilidades. Retirado este, recomeçaram com vigor novo. (A FEDERAÇÃO N° 46)



Os covardes morrem várias vezes antes da sua morte, mas o homem corajoso experimenta a morte
apenas uma vez. (William Shakespeare)



**A Federação n° 48**

**Porto Alegre, RS ‒ Terça-feira, 27.02.1894**



**História do Sítio de Bagé**

**Ao Público**



Pouco antes das 4 horas da tarde, uma bala penetrando pela janela da sala de jantar da casa do cidadão Intendente do município Coronel Antonio Xavier de Azambuja, matou a um sobrinho daquele e a uma sua irmãzinha de 8 anos de idade, ambos feridos na cabeça.

É derramando o sangue de infelizes crianças indefesas e inocentes que os bandidos cavam o abismo de execração pública em que hão de inevitavelmente afundar-se para sempre. Lutar peito a peito, a descoberto, homem contra homem, isso é o que não querem e nunca puseram em prática.

Nessa noite o inimigo fez duas encarniçadas tentativas sobre os muros da rua General Osório, ponto que lhes parecia mais fraco, procurando escalá-los, mas sendo brilhantemente repelidos pelo valente Corpo do Tenente-coronel Corrêa, Piquete do Major Bueno e Força Civil sob o cominando do destemido Capitão Rodolpho dos Santos e Tenente Marcos Telles.

Nesses ataques o inimigo sofreu grandes prejuízos calculando-se em mais de 60 o número dos que foram postos fora de combate. Nós não tivemos o menor prejuízo.

Durante o dia 29 caiu sobre a praça uma chuva contínua de projetis, por todos os lados, impedindo ali a permanência do pessoal e dificultando o trânsito por torná-lo excessivamente perigoso. Os nossos homens acautelaram-se e conseguiram suportar a crise sem perdas consideráveis.

Nessa noite, ás 10 horas e 3/4, o inimigo fez outra tentativa de assalto contra a mesma posição, sendo implacavelmente repelido com todo o vigor e grandes perdas.

Nos dias 30 e 31, o inimigo dirigiu incessantemente contínuo e impertinente fogo para o interior da praça; era uma sucessão ininterrompida de detonações, sibilos e uivos, destacando-se pelo seu número e insistência as detonações de muitas armas carregadas a balas explosivas que a cada momento rebentavam no ar sem produzirem dano algum. Calculamos em mais de 40.000 o número de tiros disparados por esta arma que apenas matou um de nossos homens, o valente pardo José Maria, irmão do famigerado Adão, a quem atravessou o crâneo, tirando-lhe completamente toda a massa encefálica.

Além disso, cremos que as tais balas explosivas de dinamite, arma terrível pelos seus efeitos, nenhuma outra vítima fizeram, empregando-se quase todas na frontaria da igreja que ficou literalmente crivada de buracos.

Às 11 ½, do dia 31, o inimigo tornou a fazer uma investida contra a praça, sendo repelido pela nossa fuzilaria que sempre portou-se com admirável valor. Nesse dia desertou para o inimigo o 1° Tenente de Artilharia Moreira Sobrinho.

O ano de 1894, foi recebido com todas as honras e saudações do estilo. Ao alvorecer espalharam-se vibrantes, pela praça de guerra, os acordes festivos do hino nacional, comovendo entusiasticamente a guarnição que repousava a postos.

Às 6 horas da manhã, ao meio-dia e ás 6 da tarde, a artilharia salvou com 21 tiros. Terminara o ano lutuoso e sanguinolento de1893, deixando ao que surgia, como legado, a luta fratricida e implacável provocada pela ambição e pelo ódio de homens indignos de fazerem parte da comunhão brasileira.

Mas o pendão da revolta não será vitorioso; não nunca o será! Do brio e do valor dos bravos que há tantos dias batem-se estoicamente, mantendo a respeitosa distância um inimigo três vezes superior na força numérica, dependem a salvação da honra nacional, a consolidação da República e, portanto, a grandeza futura da Pátria Brasileira.

Os que ensanguentaram o solo rio-grandense, que saquearam e incendiaram propriedades, que profanaram donzelas, que desrespeitaram a velhice, que despovoaram os berços, esses covardes, esses perversos que espalharam o luto e a orfandade, esses bandidos que cometem a infâmia de arrastar a bandeira nacional pelas ruas e pó de uma cidade, à luz meridiana, em saturnal desenfreada com mercenários estrangeiros, hão de ser irremissivelmente sufocados, esmagados, exterminados com todos os ódios, todos os despeitos, todos os subalternos e inconfessáveis interesses que os animam para a prática de tantos crimes.

Na noite do dia 1° partiram da praça convenientemente disfarçados, dois próprios do Coronel Telles, os nossos companheiros Benito Pedra e Eduardo Flor, o primeiro dos quais achava-se ainda convalescendo de perigosa moléstia. Caminhando de rastos até além do Quebraxo, conseguiram transpor as linhas inimigas e alcançaram a coluna do Coronel Sampaio a quem entregaram fielmente a missiva que levavam, regressando com ela.

O dia 1° de janeiro, foi de vivo fogo para a praça. No dia 2 ás 10 horas e 10 minutos da manhã o inimigo fez uma ousada investida sobre a praça, atacando-a pela trincheira à rua Barão do Amazonas e muros à direita dessa trincheira. Nesse dia foram presos e recolhidos ao mercado público, onde aquartelava o Coronel Carrion, os nossos companheiros Jeronymo da Silva Pereira, João Innocêncio Etchegoyen, Trajano Miranda e Christovam de Medeiros Germano, que após longas horas de prisão tiveram licença para recolherem-se a suas casas, menos o primeiro, que continuou preso, sendo degolado 6 dias depois.

Igualmente procuraram com empenho o nosso bom e leal companheiro Luiz Penafiel, que não foi encontrado nesse dia, mas que depois foi obrigado a comparecer à presença do mesmo chefe, e ao Sr. Agostinho Vinhole, que se achava na praça.

A fuzilaria da praça respondeu vivamente ao fogo que recebia e a artilharia fez proveitosos disparos sobre os pontos em que se haviam entrincheirado os atacantes, que depois de 30 minutos de nutrido fogo, resolveram abandonar as posições que haviam ocupado.

À tarde operou-se grande movimento de forças que, constantemente entravam e saíam da cidade. Nessa noite foi insignificante o fogo que fizeram.

No dia 3 pela manhã, observaram as sentinelas da torre contínuo movimento de forças entrando na cidade em numerosas colunas, e de lá um amigo achou meio de mandar comunicar ao Coro-nel Comandante da Guarnição que o inimigo, nesse dia, daria à praça um ataque decisivo.

Com efeito, ao escurecer uma Força numerosa do inimigo entrincheirou-se nos pátios das casas do Sr. Amado e irmãos Cirone, a 55 metros de distância das nossas trincheiras. Dessa posição durante toda a noite o inimigo convergiu o seu fogo para dentro da praça e para a guarnição da trincheira que lhe ficava na frente.

Inútil é dizer que os seus esforços desesperados não conseguiram abater o nosso ânimo nem colher sobre nós a menor vantagem.

Às 10 horas e 40 minutos da manhã, nesse dia 4 o Sr. Coronel Telles mandou uma respeitável Força de infantaria desalojar o inimigo das posições que ocupava, o que foi feito, retirando-se este precipitadamente, deixando um dos seus mortos no lugar da luta, e havendo saqueado completamente todas as casas a que pode chegar.

Nesse mesmo dia, 9 homens do contingente de polícia do Regimento de Pilar, vendo os maragatos carnearem duas rezes nas imediações do quartel do 4° Regimento, aproximaram-se sorrateiramente e fizeram uma descarga sobre os 32 maragatos ocupados naquele serviço, que dispararam deixando a carne em poder dos nossos, que a trouxeram para a cidade.

Tínhamos a este tempo chegado à última extremidade quanto a recursos materiais; havia muitos dias que as rações tinham sido reduzidas a um terço para as Forças de Linha, e quanto às civis tinham passado dias e dias apenas com uma ração de farinha, ou uma bolacha, e outras vezes sem coisa alguma. Comia-se charque de carne de cavalo; houve uma grande mortandade de cães e gatos cuja carne os soldados pareciam saborear como delícias. Faltava já a água que se podia apenas obter com extrema dificuldade, e víamos com ânsia aproximar-se o momento em que a fome nos obrigaria a render-nos ou a operarmos uma retirada perigosa e sem probabilidades de êxito.

Os soldados não murmuravam, mas em seus semblantes se desenhavam as torturas físicas da fome, e um suor angustioso lhes orvalhava as frontes. A nossa posição começava a ser excessivamente grave, quase desesperada. Foi nesta ocasião que, às 3 horas e 22 minutos da tarde o Sr. Coronel Carlos Telles recebeu um ofício dos agentes Consulares do Estado Oriental e Reino de Portugal, Cassildo Carrion e Antonio Nunes Ribeiro Magalhães pedindo uma conferência com aquela autoridade em nome do General Silva Tavares.

Com todas as formalidades foram introduzidos na praça os dois comissários a quem também acompanhava o Sr. Enrique Fonyat, régio agente consular do Reino de Itália. O Coronel Telles levando-os para uma sala interior da casa que ocupa, serviu-lhes uma suntuosa mesa de finos doces e líquidos escolhidos a cujo aspecto os cônsules se mostraram altamente admirados, pois estavam persuadidos, como todos, que na praça não havia a menor espécie de recurso alimentício.

Tomando a palavra para explicar o motivo que ali os conduzia, disseram os agentes consulares que o General Tavares, chefe do “*Exército Libertador”*, no intuito de evitar maior efusão de sangue, mandava convidar o Coronel Carlos Telles a entregar-lhe a praça, garantindo ele General Tavares a vida ao Coronel Telles e a todos os seus comandados, tanto militares como civis; disseram finalmente, que os chefes revolucionários se haviam reunido e tomado a deliberação de atacar definitivamente a praça, mas que ele General Tavares e seu irmão Zeca Tavares, pediram que antes do ataque lhes fosse permitido fazerem a tentativa que naquele momento punham em prática.

O Comandante da guarnição depois de ouvi-los em silêncio respondeu calma e resolutamente o seguinte:



Peço-lhes que de minha parte transmitam ao Exm° Sr. General Tavares o seguinte:

O nome e as glórias que S. Exª alcançou foram no seio do Exército, e que portanto não deve ignorar que o soldado brasileiro não capitula, ainda mesmo que se encontre fraco no seu posto; que ele nunca capitularia, achando-se forte e defendendo o governo constituído legalmente e as instituições de sua Pátria; que ele, General Tavares, é quem devia depor as armas, porque está fora da lei, porque é um revoltoso; que se assim proceder, pode contar com as garantias necessárias para si e os seus comandados; mas que os oficiais e soldados desertores do Exército que fazem parte das forças dos revoltosos serão castigados, uns com a demissão e outros com a baixa do serviço. É tudo quanto tem a propor e aceitar em nome do Marechal Floriano Peixoto, que certamente sancionará os seus atos.



Momentos depois de haverem-se retirado os cônsules da praça levando esta resposta a quem os enviara, os rebeldes dirigiram alguns tiros para as trincheiras. As nossas forças que haviam descoberto algumas posições do inimigo, fizeram sobre elas vivas descargas e certeiros tiros de artilharia.

No dia 5, às 11 horas e 25 minutos da manhã, saiu do reduto uma Força de infantaria de 15 homens sob o cominando do Alferes Paes Leme, com ordem de desalojar o inimigo que havia tomado posição na rua Dr. Penna, a uma quadradas das trincheiras.

Depois de vivo tiroteio aquela força retirou-se sem perdas, deixando mortos oito inimigos e muitos feridos.

Às 2 horas da tarde do dia 6, o Coronel Telles mandou outra força de 15 homens, sob o comando do mesmo oficial, atacar novamente a posição da véspera a que haviam voltado os inimigos. Depois de sofrerem algumas descargas, os revoltosos abandonaram as posições.

Às 11 horas e 55 minutos da manhã, do dia 7, tornou-se vivo o fogo do inimigo, que ocupou vantajosamente os pátios das casas da rua 7 de Setembro, que ficam à esquerda e próximos às trincheiras.

O saque que no seio do “*Exército Libertador*” é o objetivo supremo e a mais ardente aspiração, foi feito nessa ocasião na casa de chapéus do nosso correligionário Manoel José Rodrigues, à rua 7 de Setembro, esquina da Dr. Penna.

De instante a instante recrudescia o fogo.

Às 12 e 25 fomos mais uma vez surpreendidos com o espetáculo repugnante e pavoroso do incêndio. Os atacantes atearam o fogo à casa de livros, louça, tipografia e encadernação do Sr. Nicola Cirone, súdito italiano, a poucos metros de distância da nossa trincheira.

Por entre a ígnea fumarada do incêndio, avançava o inimigo, procurando tomar posição nas casas vizinhas da praça.

Sucessivas e vigorosas descargas de fuzilaria repeliam-no eficazmente.

Depois de violento combate o inimigo lançou fogo à confeitaria do Sr. Manoel Gonçalves, junto à livraria do Sr. Cirone, e mais próxima à praça.

Quando o incêndio tornava-se inclemente, começou a chover.

Nessa ocasião o fogo do inimigo tomou uma violência extraordinária.

Durou o encarniçado combate 3 ½ horas, findas as quais o inimigo começou a enfraquecer, cessando completamente os tiros ás 6 ½ da tarde.

Às 10 horas da noite rompeu novamente o fogo contra a praça, que foi simultaneamente atacada por três lados ao mesmo tempo.

O fogo foi de um vigor extraordinário, mas não durou mais do que uma hora. As nossas forças sustentaram-no com toda a galhardia, sem perder um único homem. Esse foi o último ataque, a tentativa suprema, com que o inimigo, já prestes a pôr-se em fuga, procurava ainda vencer-nos.

Com efeito há muitos dias notávamos alguma coisa de anormal e extraordinário na atitude dos inimigos; pareciam inquietos, preocupados, como se houvessem recebido más notícias, e em combate muitas vezes nos gritavam que quem nos valeria eram as colunas que marchavam em nosso auxílio.

A fuga precipitada dos inimigos, dos quais nem um só havia na cidade na manhã do dia 8, veio encher-nos de grata surpresa e galardoar dignamente a nossa firmeza e dedicação, concedendo-nos uma vitória que há de ficar imortalizada nos anais da história Pátria.

Alguém mais competente do que nós há de um dia escrevê-la, para conhecimento da posteridade; o nosso intuito foi apenas ser o primeiro a dar ao Chefe do Estado e à população rio-grandense conhecimento deste Sítio de Bagé, que para todo o inundo, pela falta de comunicações e de notícias, jaz até agora envolto no mais profundo mistério.

Das trincheiras em armas e de vários pontos mais danificados da cidade foram tiradas muitas fotografias pelo hábil artista Sr. José Grecco, que proximamente virão fornecer novo contingente de luz e esclarecimentos àqueles que se interessam pelo Sítio de Bagé.

Eu cumpro apenas um dever, consignando aqui e pondo ao alcance de todos, fatos cuja veracidade podem afirmar todos os que se acharam na infeliz cidade durante o Sítio. ANTENOR SOARES (A FEDERAÇÃO N° 48)



***Bibliografia:***

*A FEDERAÇÃO N° 36. História do Sítio de Bagé ‒ Brasil ‒ Porto Alegre, RS ‒ A Federação n° 36, 12.02.1894.*

*A FEDERAÇÃO N° 37.* ***História do Sítio de Bagé*** *‒ Brasil ‒ Porto Alegre, RS ‒ A Federação n° 37, 13.02.1894.*

*A FEDERAÇÃO N° 39.* ***História do Sítio de Bagé*** *‒ Brasil ‒ Porto Alegre, RS ‒ A Federação n° 39, 15.02.1894.*

*A FEDERAÇÃO N° 40.* ***História do Sítio de Bagé*** *‒ Brasil ‒ Porto Alegre, RS ‒ A Federação n° 40, 16.02.1894.*

*A FEDERAÇÃO N° 41.* ***História do Sítio de Bagé*** *‒ Brasil ‒ Porto Alegre, RS ‒ A Federação n° 41, 17.02.1894.*

*A FEDERAÇÃO N° 42.* ***História do Sítio de Bagé*** *‒ Brasil ‒ Porto Alegre, RS ‒ A Federação n° 42, 19.02.1894.*

*A FEDERAÇÃO N° 43.* ***História do Sítio de Bagé*** *‒ Brasil ‒ Porto Alegre, RS ‒ A Federação n° 43, 20.02.1894.*

*A FEDERAÇÃO N° 44. História do Sítio de Bagé ‒ Brasil ‒ Porto Alegre, RS ‒ A Federação n° 44, 21.02.1894.*

*A FEDERAÇÃO N° 46.* ***História do Sítio de Bagé*** *‒ Brasil ‒ Porto Alegre, RS ‒ A Federação n° 46, 23.02.1894.*

*A FEDERAÇÃO N° 48.* ***História do Sítio de Bagé*** *‒ Brasil ‒ Porto Alegre, RS ‒ A Federação n° 48, 27.02.1894.*

*(\*) Hiram Reis e Silva é Canoeiro, Coronel de Engenharia, Analista de Sistemas, Professor, Palestrante, Historiador, Escritor e Colunista;*

* *Campeão do II Circuito de Canoagem do Mato Grosso do Sul (1989)*
* *Ex-Professor do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA);*
* *Ex-Pesquisador do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEx);*
* *Ex-Presidente do Instituto dos Docentes do Magistério Militar – RS (IDMM – RS);*
* *Ex-Membro do 4° Grupamento de Engenharia do Comando Militar do Sul (CMS)*
* *Presidente da Sociedade de Amigos da Amazônia Brasileira (SAMBRAS);*
* *Membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – RS (AHIMTB – RS);*
* *Membro do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS – RS);*
* *Membro da Academia de Letras do Estado de Rondônia (ACLER – RO)*
* *Membro da Academia Vilhenense de Letras (AVL – RO);*
* *Comendador da Academia Maçônica de Letras do Rio Grande do Sul (AMLERS)*
* *Colaborador Emérito da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG).*
* *Colaborador Emérito da Liga de Defesa Nacional (LDN).*
* *E-mail:* *hiramrsilva@gmail.com**.*
1. Descaro: descaramento. [↑](#footnote-ref-1)
2. Sem rebuços: com toda a sinceridade. [↑](#footnote-ref-2)
3. Sevandija: nome comum a todos os insetos parasitas ou vermes imundos. [↑](#footnote-ref-3)
4. Crocitar: gritar como corvos. [↑](#footnote-ref-4)
5. Negregados: desgraçados. [↑](#footnote-ref-5)
6. Próprio: mensageiro. [↑](#footnote-ref-6)
7. Munição Comblain: munição para os mosquetões de fabricação belga, armamento dotação do Exército Brasileiro, na época. [↑](#footnote-ref-7)
8. Esbandalhados: em péssimo estado. [↑](#footnote-ref-8)
9. Cãs: cabelos brancos. [↑](#footnote-ref-9)
10. “*Era ut supra*”: feito na data acima indicada. [↑](#footnote-ref-10)
11. Empastelada: amontoados desordenadamente seus caracteres tipográfi­cos. [↑](#footnote-ref-11)
12. Talado: destruído. [↑](#footnote-ref-12)